

Mitrá Barta Granfar

**AQUISIÇÃO E ALTERAÇÕES DE LINGUAGEM EM
CRIANÇAS: BUSCA E REFLEXÃO SOBRE A EXISTÊNCIA DE
GRUPOS TERAPÊUTICOS COMO PROCEDIMENTO
FONOAUDIOLÓGICO LINGUISTICAMENTE ORIENTADOS**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de
Mestre em Linguística
Orientador: Profa. Dra. Cristine
Lazzarotto Volcão

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Granfar , Mitrá Bartar

Aquisição e alterações de linguagem em crianças : busca e reflexão sobre a existência de grupos terapêuticos como procedimento fonoaudiológico linguisticamente orientados / Mitrá Bartar Granfar ; orientadora, Cristiane Lazzarotto Volcão - Florianópolis, SC, 2016.

118 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Alterações de linguagem. 3. Grupo terapêutico fonoaudiológico. 4. Família. 5. Crianças. I. Lazzarotto Volcão, Cristiane. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

Mitrá Barta Granfar

**AQUISIÇÃO E ALTERAÇÕES DE LINGUAGEM EM
CRIANÇAS: BUSCA E REFLEXÃO SOBRE A EXISTÊNCIA DE
GRUPOS TERAPÊUTICOS COMO PROCEDIMENTO
FONOAUDIOLÓGICO LINGUISTICAMENTE ORIENTADOS**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Linguística” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Linguística.

Florianópolis, 31 de maio de 2016.

Prof. Dr. Heronides Maurílio de Mello Moura
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Cristiane Lazzarotto Volcão
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina – PPGLing

Prof. Dra. Ana Cláudia de Souza
Membro interno
Universidade Federal de Santa Catarina – PPGLing

Profa. Dra. Cristine Görski Severo
Membro interno
Universidade Federal de Santa Catarina – PPGLing

Profa. Dra. Regina You Chon Chun
Membro externo
Universidade Estadual de Campinas
PPG em Saúde, interdisciplinaridade e reabilitação

In memoriam...

Valiollah Bartar Isfahani, Turan Golestani Bartar, Ghodsieh Granfar, Moosa Granfar... Que os anjos do Todo-Glorioso os rodeiem e que vocês rodeiem os anjos do Todo-Glorioso... meus avós, iranianos de pátria e brasileiros de coração... “eu vejo vocês, vocês fazem parte...”

AGRADECIMENTOS

Por alguns momentos, em meu pensamento, me vinha a seguinte frase: “ah, eu não vou agradecer a ninguém, é tão clichê”. Mas o que mais queria, como sempre, tão característico de nossa contrariedade humana, era poder agradecer.

Por alguns outros momentos, eu achei que não conseguiria. Que fracassaria. Algo do meu desejo não fracassou e chegou até aqui. Seja qual resultado for, chegou. Cheguei. Chegamos.

A Shideh Bartar Isfahani e Mehran Granfar, minha mãe e meu pai, cujas apostas são amorosamente (cada qual a sua maneira) e incessantemente derramadas sobre meu ser... me deram a vida.

Quando no último minuto do segundo tempo achei que ficaria órfã de mãe, fui adotada por Cristiane Lazzarotto-Volcão e, quando no último minuto da prorrogação, achei que ficaria órfã de “pai”, fui adotada por Gláucia da Silva Brito. Esse trabalho existe por causa de vocês.

A Kian Bartar Granfar que, mesmo longe, está impreterivelmente ao meu lado.

A Wilma Viera, meu exemplo de força e fé.

Ao Fábio Lopes da Silva, pois quando te vi, sentado na escadaria do bloco, de cabeça baixa, com olhos lagrimosos, no quase fim da minha difícil qualificação, senti lá dentro que já tinha deixado de ser meu professor faz tempo... De lá para cá acompanhou cada passo, cada evolução, cada dilema, cada pedra no caminho, com tanto respeito e com tanta preocupação ao meu processo de lapidação e crescimento...

Vitor Werner me lembro das angústias que passamos ao estudarmos para prova de seleção, cada qual tomado por seu próprio desejo, dispostos a enfrentar quaisquer resistências que surgissem no caminho. Tá aí, meu amigo, cheguei (amos) em algum lugar...

Éderson da Silveira, sua voz imponente ainda me ressoa, quando sentavas e falavas com tanta propriedade, lá do fundo, nas aulas de Linguística Aplicada. O menino gaúcho, profundo e do abraço forte...

À Mary Elizabeth Cerutti-Rizzatti que me ensinou a arte do lecionar. Por você, começaria tudo de novo. Que a ponte pontziana do encontro nos (re) traga a ela, pois quero que a sua bagagem se misture na minha...

À Sara Folie, que tem olhos que olham até o que não dá para ser visto...

Ao Fernando Curbani, que inconscientemente me levou até a UFSC, você faz parte dessa história...

À Ana Cláudia de Souza, que me desloca, me provoca, me faz crescer, me faz evoluir, me tira do lugar...

À Cristine Severo, doce e atenciosa, sinto que de ti também tem e vem uma aposta...

À Regina Yu Chun, aberta, disposta, encorajadora...

Ao Heronides Moura, um ser humano “acolhe dor” quando precisei ser escutada...

Ao Alberto May, analista; por tanto, por tudo, por nada, pelos furos, pela falta, pela escuta, pelo silêncio, pelas verdades, pela voz, pelo reflexo, pelo espelho, pelo amor de transferência, pelo desejo, pelo lugar que me dá, pela aposta posta todas as vezes em que preciso dela...

]

Óh amigo, você não vê?
Sua face está brilhando com luz.
O mundo inteiro se embriagara
Com o amor encontrado em seu coração.
Não corra para lá ou para cá
Buscando ao redor de você –
Ele está em você.
Existe alguém que não pode ver a LUA cheia?
Véu sobre véu, pensamento sobre pensamento –
Deixe-os todos irem,
Pois eles apenas ocultam a verdade.
Uma vez que você vê a glória
De sua face semelhante à LUA,
Que desculpas você teria
Para a dor e a tristeza?
Jalal ad-Din Muhammad Rumi (Poeta Sufi Persa)

RESUMO

Os processos de aquisição da linguagem, quando escapam ao seu curso natural, apresentam diferenças linguísticas, tomadas neste trabalho como alterações de linguagem. O objetivo desta pesquisa está em buscar trabalhos publicados a respeito de grupos terapêuticos fonoaudiológicos relacionados às alterações de linguagem além de descrever e promover uma reflexão em como foram metodologicamente orientados e por que teorias se pautaram. A partir desse levantamento e seleção, procurei averiguar quantos e quais desses trabalhos estão relacionados aos grupos terapêuticos fonoaudiológicos constituídos especificamente a partir de alterações de linguagem. A pergunta de pesquisa é: em trabalhos a respeito de grupo terapêutico fonoaudiológico, quais são os trabalhos localizados nas bases de dados essenciais, situados nacionalmente nos últimos dez anos? Os tipos de leitura a serem realizados nesses documentos serão a exploratória, para coleta de dados, e a interpretativa, para análise dos dados. O foco do primeiro tipo de leitura serão as metodologias de pesquisa, assim como a identificação e a análise das teorias em que estão pautadas. A leitura interpretativa permitirá uma abordagem crítica e reflexiva dos dados obtidos. Os resultados mostram que, apesar de sua difícil localização nas bases de dados virtuais, os grupos terapêuticos fonoaudiológicos existem, estão em funcionamento e têm publicações de acordo com as diversas áreas que permeiam o tema. Suas estratégias metodológicas respaldam a execução das pesquisas porém frequentemente carecem de rigor teórico, pulverizando, aproximando ou distanciando teorias, muitas vezes abstando-se dos cuidados e respaldos necessários.

Palavras-Chave: Alterações de linguagem. Grupo terapêutico fonoaudiológico. Familiares. Crianças.

ABSTRACT

When language acquisition process escapes its natural course it presents language differences which are taken in this paper as language' alterations. The aim of the research is to check if there are papers published and analyze how they were methodologically oriented, guided by what or which theories. In doing so, we intend to determine how many and which of these papers are related to speech therapy treatment groups consisting from language disorders specifically. The question is: How do issues related to language change appear in papers on speech therapy group, dated between 2005 and 2015? The kind of reading to be done in these documents will be exploratory reading for data collection and interpretative reading to analyze the available data. The focus of the first kind of reading will be the research methodologies, as well as analysis and verification of the theories by which they are guided. The interpretative reading will allow the critical approach to the available data. The results show that, even though it is difficult and complex the online location, speech-language therapy groups does exist, and its centripetal force is based on the coexistence, in exchange, in the reinterpretation and mainly on the repositioning of each participant, which must take his/her own place.

Keywords: Language changes. Therapeutic group speech therapy. Family. Children.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	16
INTRODUÇÃO.....	18
2 AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO: UMA REVISÃO DA LITERATURA.....	22
2.1. BASES EPISTEMOLÓGICAS A RESPEITO DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM.....	22
2.2. GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO	37
3 ESPECIFICIDADES A RESPEITO DE GRUPOS TERAPÊUTICOS FONOAUDIOLÓGICOS: DOIS AFUNILAMENTOS.....	44
3.1 GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO CONSTITUÍDO POR FAMILIARES CUJAS CRIANÇAS APRESENTAM ALTERAÇÃO DE LINGUAGEM.....	44
3.2 GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO CONSTITUÍDO POR CRIANÇAS COM ALTERAÇÃO DE LINGUAGEM.....	50
4 METODOLOGIA.....	54
4.1 FASE EXPLORATÓRIA.....	54
4.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DO ESCOPO DO ESTADO DA ARTE.....	57
5 SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS....	60
5.1 BUSCA PELO BANCO DE DADOS DA CAPES.....	62
5.2 BUSCA PELO BANCO DE DADOS DA SCIELO E DO CEFAC.....	70
5.3 DESCRIÇÃO E REFLEXÃO DOS TRABALHOS SELECIONADOS POR RIBEIRO ET.AL (2012).....	79
5.4 BUSCA PELOS TRABALHOS SITUADOS NO GOOGLE ACADÊMICO.....	89
5.5 QUADRO GERAL DOS TRABALHOS SELECIONADOS	93
6 RESULTADOS E REFLEXÕES	98
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	108
APÊNDICE A: MODELO DE E-MAIL ENVIADO AOS AUTORES DOS TRABALHOS SELECIONADOS.....	118

PREFÁCIO

O meu percurso acadêmico deu-se inicialmente a partir da fonoaudiologia, por onde me tornei bacharel. Em seguida, me especializei no curso de pós-graduação pesquisando a respeito dos transtornos do desenvolvimento da infância e da adolescência pelo centro clínico Lydia Coriat em Porto Alegre. Concomitantemente, estudei e estudo psicanálise, a partir de formações psicanalíticas, articulando este campo do saber tanto em contextos de crianças e adolescentes quanto de adultos.

Esses foram os primeiros territórios em que adentrei com o intuito de compreender quando, porque e como se dá a fala das crianças e seu processo de desenvolvimento. A linguagem, especificamente, sempre fora um tema que me capturou atenção e de lá até aqui algumas leituras foram realizadas, por onde me deparei com diversos autores sobre a inconclusividade desse tema.

O avanço desse conhecimento se perpetuou no desejo em seguir a carreira acadêmica, a partir da experiência em ter ministrado algumas aulas, além de palestras e workshops em torno dos seguintes temas: fala, língua, linguagem e comunicação. Também me instigou o desejo em seguir aprofundando a respeito de questões circundantes à linguagem que, por sua própria natureza inconclusiva, nos convoca a seguir estudando e investigando-a cada vez mais.

Entrar no programa de pós-graduação em Linguística foi e é um desafio constante. Nessa arena, algumas construções foram feitas, mas acima de tudo, tantas desconstruções se fizeram necessárias para que o novo e o diferente ocupassem e continuem ocupando seus devidos lugares.

Estar inserida na psicolinguística é um desafio ainda maior, ao verter olhares para outros ângulos da ciência e compreender que muito do que havia estudado se desloca, se desmancha e se transforma. Aprendo que, ao entrar na academia, se faz necessário equilibrar as convicções ora apreendidas para dar voz e vez a outras. A esta altura, deve ser acentuado que este texto inicial pode não caber no gênero dissertativo. Contudo, peço licença ao leitor para contextualizar e situar o caminho percorrido.

INTRODUÇÃO

Ao pensar em uma possível aproximação entre a fonoaudiologia e a psicolinguística, trago à cena do trabalho o seu objeto de estudo: a linguagem e, em especial, para a psicolinguística: a aquisição e o processamento da linguagem.

Foram escolhidos como tema para esse trabalho os grupos terapêuticos fonoaudiológicos, especificamente aqueles em que aparecem as alterações de linguagem por serem juntos temas desafiadores de pesquisa, uma vez que são pouco difundidos e publicados na área tanto fonoaudiológica, quanto linguística.

A afirmativa referida por Panhoca (2002) cita a constituição e a formação do grupo em si que, apesar de não ser o objeto desse estudo, torna-se pertinente ao mostrar que:

Desenvolver uma proposta de trabalho em grupo não serve apenas para atender a demanda por parte da comunidade, com único intuito de cessar ou diminuir as filas de espera, **mas sim em pensar no desenvolvimento de parâmetros científicos, uma vez que o contexto grupal é, sem dúvida, destinado ao trabalho com linguagem como meio de circulação dos dizeres**, pois é nesse contexto que surge um contínuo de ações cujas consequências levam a modificações, possibilitando o crescimento social, cognitivo e linguístico de seus membros (PANHOCA, 2002, p. 17, grifos meus).

De acordo com o estudo de Ribeiro et.al (2012), ao se tratar de uma revisão da literatura fonoaudiológica, que tratasse a respeito de terapia de grupo, evidenciou-se que, devido à tímida formação de grupos terapêuticos e apesar da existência dos mesmos, tanto em clínicas quanto nos centros de atendimento, **praticamente não existem publicações sobre o assunto**. Entre os trabalhos escolhidos datados de 2005 a 2010, os autores encontraram o número equivalente a vinte e oito artigos sobre o tema; sendo **quatorze da área da linguagem**, sete a respeito da voz, quatro em torno da audição, dois na saúde coletiva e um sobre a fonoaudiologia educacional.

Destaco que os processos de aquisição da linguagem, quando escapam ao curso natural, apresentam diferenças linguísticas. Essas diferenças serão tomadas nesse trabalho como alterações de linguagem.

(está aqui, o que a banca reclamou que não havia aparecido o termo alterações de linguagem no trabalho.)

O objetivo desta pesquisa está em buscar trabalhos publicados a respeito de grupos terapêuticos fonoaudiológicos relacionados às alterações de linguagem além de descrever e promover uma reflexão em como foram metodologicamente orientados e por que teorias se pautaram.

A pergunta de pesquisa é: em publicações a respeito de grupo terapêutico fonoaudiológico, quais são os trabalhos localizados nas bases de dados essenciais, situados nacionalmente nos últimos dez anos?

A fim de responder essa pergunta ao final do trabalho, a dissertação está dividida da seguinte forma:

Após a introdução, encontra-se a revisão da literatura e intitulada “Aquisição da linguagem e Grupo terapêutico fonoaudiológico” que se subdivide em 2.1 e 2.2. No primeiro, estabeleço um recorte a respeito de algumas das mais importantes teorias linguísticas, culminando nos modos de se pensar a psicolinguística. Já no segundo faço um estudo bibliográfico sobre os grupos terapêuticos fonoaudiológicos em si.

Discurso brevemente a respeito dos grupos terapêuticos fonoaudiológicos, seu processo de estabelecimento e formação, o que, apesar de não ser o foco da pesquisa, faz-se necessária sua contextualização, uma vez que a fonoaudiologia propõe através desses grupos uma forma adicional em se pensar o atendimento clínico. Os grupos em sua estrutura são baseados nas relações vivenciais e trocas socioculturais ocorridas entre seus participantes mediadas, a rigor, pela linguagem.

O capítulo 3 do trabalho, denominado “Especificidades a respeito de grupos terapêuticos fonoaudiológicos”, afunila-se em dois momentos. O primeiro (3.1) refere-se aos grupos terapêuticos fonoaudiológicos constituídos por familiares de crianças que apresentam alterações de linguagem e o segundo (3.2) apresenta grupos terapêuticos fonoaudiológicos constituídos pelas próprias crianças com alterações de linguagem.

Em 3.1, a escrita ainda se encontra pautada pela pesquisa bibliográfica sobre o tema e, em 3.2, caracterizo brevemente o assunto a fim de chegar aos objetivos específicos da pesquisa (ao menos em dois deles) que é a investigação da existência ou não de publicações a respeito desses dois afunilamentos.

Devido às leituras realizadas previamente no decorrer da elaboração dos objetivos e das questões de pesquisa desse trabalho surge a hipótese de que esses dois tipos de grupo, caso ocorram e existam na

prática, ainda assim têm a produção baixa visto que são raras as publicações acadêmicas encontradas a respeito.

Na sequência, vem a metodologia, culminada no capítulo 4 do trabalho, subdividida em (4.1) referindo a respeito da fase exploratória da pesquisa, (4.2) quando estabelece a revisão bibliográfica a partir do escopo do estado da arte e (4.3) ilustra o quadro geral dos trabalhos selecionados.

Para organização dos trabalhos, a execução item (4.2), situado no capítulo metodológico é retomado no capítulo 5 intitulado: “Seleção, organização e descrição dos trabalhos.” Ao final se articula uma reflexão relacionando o instrumento da pesquisa em si aos seus achados, ilustrados no capítulo 6 “Resultados e reflexões”. No capítulo 7 temos as considerações finais do trabalho e em seguida as referências.

Afirmo que as considerações finais do trabalho são um fechamento importante nesse percurso que, desde seu início, preocupou-se na elaboração de uma introdução coerente e coesiva à execução literal da pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa é buscar, descrever e refletir a respeito dos trabalhos publicados e hospedados nos bancos de dados da CAPES e SciELO, nacionalmente, entre 2005 e 2015, referentes a grupos terapêutico fonoaudiológicos, nos quais apareçam casos de alterações de linguagem.

Os objetivos específicos, neste contexto de investigação, portanto, são:

- Descobrir quais trabalhos tratam de grupo terapêutico fonoaudiológico constituído por familiares cujas crianças apresentam alteração de linguagem;
- Averiguar se existem trabalhos que tratem de grupo terapêutico fonoaudiológico constituído pelas próprias crianças que apresentam alguma alteração de linguagem;
- Verificar quantos e quais trabalhos serão encontrados a partir das palavras-chave da pesquisa;
- Descrever a metodologia pela qual as pesquisas foram pautadas e que resultaram nos trabalhos selecionados;
- Refletir a respeito das teorias que fundamentaram esses estudos.

A seguir, o próximo capítulo de revisão da literatura, objetiva citar e descrever as teorias que respaldam a psicolinguística enquanto área construída e constituída multidisciplinarmente.

2 AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO: UMA REVISÃO DA LITERATURA

2.1. BASES EPISTEMOLÓGICAS A RESPEITO DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Descobrir como as crianças adquirem a linguagem tem sido uma questão considerada relevante desde a antiguidade. Filósofos, como Aristóteles e Platão, já se demonstravam interessados em desvendar o mistério de como o ser humano é capaz de adquirir a linguagem (QUADROS, 2013).

Nesse sentido, a aquisição da linguagem vem sendo discutida e abordada multidisciplinarmente, principalmente por entre linguistas, psicólogos, fonoaudiólogos. Uma das áreas que discute esse assunto em tangível crescimento é a psicolinguística, disciplina abarcada pela linguística, cujo objeto é a aquisição e o processamento da linguagem, conforme mencionado anteriormente.

O professor Harley na edição de seu quarto livro intitulado *The psychology of language* (2014, p. 01) refere conceitualmente ao que é a psicolinguística:

Psycholinguistics is the study of the psychological processes involved in language. Studies understanding, producing, and remembering language, and hence are concerned with listening, reading, speaking, writing, and memory for language. They are also interested in how we acquire language, and the way in which it interacts with other psychological systems.¹

De acordo com Scliar-Cabral (2008), a psicolinguística é uma ciência híbrida que resultou da intersecção entre a linguística e a psicologia, acrescidas pela teoria da informação, no que elas têm em comum.

¹ Psicolinguística é o estudo dos processos psicológicos envolvidos na linguagem. Ela estuda a compreensão, a produção e memória linguística, e assim preocupa-se com a audição, a leitura, a fala, a escrita e a memória para a linguagem. Os psicolinguistas estão também interessados em como a linguagem é adquirida e o modo como ela interage com outros sistemas psicológicos.

A fim de elucidar melhor a respeito desta área heterogênea, trago o conceito a respeito da teoria da informação citado por Scliar-Cabral no excerto acima. A T.I é então considerada como um ramo da teoria da probabilidade e da matemática estatística que trata de sistemas de comunicação, transmissão de dados, codificação, teoria do ruído, entre outros.

Claude Shannon é considerado o pai da teoria da informação, por ter sido o primeiro a considerar a comunicação como um problema matemático rigorosamente embasado na estatística. Surgida logo após a segunda guerra, ofereceu a psicolinguística uma base epistemológica mais consistente. Por volta dos anos 50, a psicolinguística fora definida por uma unidade de comunicação cujo objeto de análise era descrito como englobando os seguintes elementos: fonte, transmissor-codificador, canal receptor, decodificador e finalmente o destino da mensagem (CASTRO, 2007).

Ainda de acordo com a citação acima, a partir do conceito do que é a ciência cognitiva, recorro ao professor Harley (2014, p.13) ao afirmar que o termo:

[...] *cognitive science*” is used to cover the multidisciplinary approach to the study of the mind, with the disciplines including adult and developmental psychology, philosophy, linguistics, anthropology, neuroscience, and artificial intelligence (AI). It is seen how linguistics influenced early psycholinguistics, particularly early work on syntax. Philosophy has played an important role in our understanding of meaning. A.I involves getting computers to do things that appear to need intelligence, such as understanding a story, or understanding speech.²

² [O termo] “ciência cognitiva” é usado para se referir a uma abordagem multidisciplinar no estudo da mente, com disciplinas que incluem psicologia adulta e do desenvolvimento, filosofia, linguística, antropologia, neurociência e inteligência artificial (IA). Vimos como a linguística influenciou os primeiros desenvolvimentos da psicolinguística, especialmente os primeiros trabalhos a respeito da sintaxe. A filosofia desempenhou um papel importante em nossa compreensão do significado. IA envolve fazer com que computadores realizem tarefas que demandam inteligências, como compreender uma história ou compreender a fala.

Em 1961, possibilitou-se o surgimento da psicolinguística no seminário de verão, na universidade de Cornell. Considerada uma área de pesquisa híbrida, no processo de solidificação adquiriu bases epistemológicas mais arraigadas. A interdisciplinaridade passou a prevalecer cada vez mais no cenário científico atual onde as neurociências dominam. Sua grande contribuição foi a de se propor explicar, através de métodos experimentais, como o ouvinte transforma o sinal acústico da fala em significado e como, ao falar, percorre o caminho inverso (SCLiar-CABRAL, 2008).

Acredita-se que o termo psicolinguístico tenha surgido pela primeira vez em um artigo de Proncko, em 1946, no qual se colocava como abordagem central o relacionamento entre o pensamento e a linguagem. Contudo, foi somente em 1951 que se deu a publicação de um livro para tratar especialmente das relações entre linguística e psicologia. A primeira, no que se refere à estrutura da língua, aos níveis linguísticos, à mudança linguística e a segunda, relacionada à interferência dos estados mentais do falante na elaboração e compreensão da mensagem linguística (CASTRO, 2007).

Ainda de acordo com a autora supracitada, na psicolinguística predomina-se o enfoque de questões como: a relação entre linguagem e cérebro, incluindo os fundamentos biológicos da linguagem, sua neurofisiologia e os prejuízos do processamento causados por lesão cerebral; as relações entre pensamento e linguagem, como um produto do sistema cerebral; os sistemas de processamento mental da linguagem, incluindo os subsistemas linguísticos (fonética, sintaxe, semântica) e os subsistemas psíquicos (percepção, memória, conhecimento de mundo) bem como o processamento de unidades mais amplas como o texto e o discurso.

Em 1991, Scliar-Cabral traz pontualmente algumas áreas de interesse da psicolinguística, a saber:

Relações entre pensamento e linguagem

Aquisição da linguagem

Neurofisiologia da linguagem

Fatores inatos, maturacionais e experienciais

Processamento dos sinais linguísticos

Processamento textual

Memória semântica

Distúrbios de aquisição e processamento da linguagem

Dos primeiros passos de pesquisa, datadas entre 1876 e 1926, até os dias atuais, muitos trabalhos sobre aquisição da linguagem têm sido realizadas nos últimos anos, porém ainda há muito que se investigar sobre a aquisição e o desenvolvimento da fala. Dentre os temas abordados nas pesquisas podem ser mencionados os estudos pré-linguísticos, que investigam o balbucio de crianças com desenvolvimento normal, a percepção e a produção do bebê, bem como a interação entre os pais e o bebê (SCLIAR, 1991)

Ainda existem trabalhos que observam dados de fala das crianças e buscam estabelecer um perfil de aquisição e considerações sobre as diferenças individuais (FREITAS, 2007).

Dando continuidade a um breve histórico, retoma-se Scliar-Cabral (2008), ao referir que os primeiros estudos de impacto na área da psicolinguística no Brasil aconteceram na década de setenta com a elaboração das teses de doutorado e dissertação de mestrado, nas quais podemos rastrear o pensamento dominante em aquisição da linguagem em: Lemos (1987 [1975]), com doutorado na Universidade de Edinburgh, orientada por Lyons; Scliar-Cabral (1977a, b, c), com doutorado na USP, orientada por Geraldina Witter e Albano (1975, então Motta Maia), mestre pela UFRJ, orientada por Heye e, posteriormente, doutorada pela Universidade de Brown.

Enquanto Albano buscava as bases empíricas da teoria de Chomsky a partir, do estudo da aquisição da negação e Scliar-Cabral testava a nível explanatório os modelos de Chomsky e Fillmore, formalizando seis gramáticas de uma criança aos 20m21d, 22m20d e aos 26m8d; Lemos, sob influência então, da epistemologia genética, postulava a pré-existência de um conhecimento não linguístico (SCLIAR, 2008, p. 01).

Dentre as estudiosas também podemos citar Pereira Castro que pesquisou a emergência das sentenças causais e condicionais, sob o enfoque funcionalista, e, em 2007, concluiu seu projeto *A Interpretação e o conceito de língua materna na*

teorização sobre o interacionismo em aquisição de linguagem. Perroni Simões (1977) trabalhou com a emergência das categorias temporais em 20 sessões de uma criança dos 25 aos 35m; em 2003, Perroni aderiu ao pensamento chomskyano, com trabalhos sobre complementação e adjunção em sentenças complexas. Figueira (1977) se dedicou a pesquisar áreas de dificuldades na aquisição do léxico em seu filho dos 32m aos 44m; e, ainda mais recentemente (2003), essa pesquisadora tem se ocupado com as primeiras manifestações da reflexividade linguística.

Outra autora influenciada por Lemos é Scarpa, que estuda os vários traços prosódicos além do tom, tais como intensidade e ritmo e apresenta estratégias prosódicas para a produção de enunciados mais longos e a emergência da entoação coesiva entre os enunciados, as chamadas macroestruturas entonacionais ou paratons.

Scliar-Cabral (2008) também relata que a área se encontra bastante desenvolvida. Houve mudanças teóricas por parte dos pesquisadores que iniciaram os estudos psicolinguísticos no Brasil e surgiram jovens pesquisadores que passaram à posição de liderança em novos centros irradiadores e respectivas linhas de pesquisa.

Para ilustrar e percorrer um tanto destes caminhos, por vezes opostos entre si, porém tomados por uma mesma dimensão (aquisição e processamento da linguagem), trago recortes epistemológicos a respeito de algumas linhas teóricas que enunciam ao mesmo objeto, entretanto situados por entre diferentes ângulos a partir de um prisma em comum.

O texto de Freitas (2007) refere-se a distintas teorias a respeito da aquisição da linguagem, entre elas: behaviorismo, inatismo, construtivismo, interacionismo social e o connexionismo. Faço a seguir uma breve descrição a respeito de algumas delas.

Começamos pelo behaviorismo. Essa visão teórica assume que a aprendizagem de uma língua se dá pela exposição ao meio e em decorrência da imitação e do reforço.

O ponto de vista teórico behaviorista defende que o ser humano aprende por condicionamento, assim como qualquer outro animal (FREITAS, 2007).

Assim, considera-se o estímulo e a resposta do indivíduo frente a um reforço uma recompensa. Seria como se fossemos tábulas rasas a sermos desenhados pelo entorno que a experiência e o condicionamento social nos delimita e marca.

A fim de explicitar a afirmativa acima, trago o texto de Finger (2013) ao explicar que, para esse grupo de teóricos, o comportamento é a resposta dada por um determinado organismo a algum fator externo que o estimule sendo que uma determinada resposta pode ser observada, descrita e quantificada. Os estímulos externos, bem como os fatos que o sucedem ou que resultam desse comportamento, são o que possibilita a origem desse comportamento.

O comportamentalismo é uma teoria psicológica cujo estabelecimento do comportamento deva ser explicado através de experiências observáveis e não por processos mentais. O comportamento é tudo aquilo que se faz e que se pode observar diretamente. Desse modo, de acordo com Castro (2007), os processos mentais, os pensamentos, motivos e sentimentos não devem ser objetos de estudo da psicologia, pois não são diretamente observáveis.

Burrhus Frederic Skinner foi o psicólogo americano que foi responsável por algumas ampliações importantes nesse enfoque denominado por behaviorismo radical, permanecendo nessa área o teórico mais conhecido desde a década de trinta. Sua concepção de aquisição da linguagem se dá mediante a experiência que a criança desenvolve com a língua utilizada pelas pessoas com as quais ela convive, sendo determinada pela consistência de reforço oferecido a mesma, determinando o grau de sucesso que ela pode vir a atingir em seu desenvolvimento. Logo, o aprendiz é um ser passivo diante do meio (FINGER, 2013).

Nessa concepção, a língua humana é vista como um comportamento igual a qualquer outro e é aprendida por meio de imitação, ou seja, a criança copia as produções do adulto e então produz sua fala. Essa é vista como resultado de um estímulo, como se a língua fosse um simples código a ser aprendido (FINGER, 2013).

De qualquer forma, outras propostas teóricas e diferentes explicações existem a respeito dessa aquisição que serão abordadas na sequência textual.

Partindo do pressuposto de que a psicolinguística tem por objeto a aquisição e o processamento da linguagem trago um recorte à luz do texto de Corrêa (2013), ao referir que diferentes tipos de abordagem para aquisição da linguagem vêm sendo caracterizados como psicolinguísticos.

Como o nome já refere, *psico* e *linguístico* admite-se diferentes sentidos em função desses dois elementos. Seria inapropriado fornecer uma caracterização comum às diferentes linhas de investigação que podem ser identificadas com esse termo.

Portanto, a psicolinguística, entendida como campo dedicado aos estudos de produção, compreensão e aquisição da linguagem, do ponto de vista do processamento linguístico, reúne os recursos que a língua lhe oferece para dar conta das demandas que a produção e a compreensão da linguagem lhe apresentam.

Ao final do seu texto intitulado *O desencadeamento da sintaxe numa abordagem psicolinguística para aquisição da linguagem* Corrêa (2013) tece algumas considerações das quais destaco algumas a fim de exemplificar:

- A criança e seu processo de aquisição da língua são tomados pelo processamento do material linguístico, desde seus primeiros contatos com ela.

- Relaciona-se com a linguística gerativista em sua origem, tomando o estudo da aquisição da linguagem como parte da construção de uma ciência cognitiva que explora as potencialidades como computacionais e simbólicas da mente humana.

- Problematisa o modo como a criança penetra na sintaxe da língua.

- Explora o modo como a criança lida com demandas específicas de tarefas de compreensão e de produção da linguagem, quando já dispõe de algum conhecimento da gramática da língua.

Então, ao tratar a respeito da gramática linguística e universal, o pressuposto enunciado por Noam Chomsky é de caráter salutar na história dos estudos a respeito da linguagem enquanto funcionamento cognitivo inato e apropriado quando se trata do dispositivo contido pela criança para aquisição da língua-linguagem. Oposta a abordagem behaviorista, o gerativismo postula características universais cuja crença é a de que o falante possui desde seu nascimento.

A partir da década de 50, os estudos de Noam Chomsky impulsionam os trabalhos em aquisição da linguagem, com base na posição assumida de que a linguagem é inata. Para o pesquisador, a linguagem é uma dotação genética do ser humano. Segundo a teoria inatista, o ser humano vem "equipado" com uma Gramática Universal (FREITAS, 2007).

Há, sob este viés, um dispositivo inato de aquisição que permite que a criança, exposta ao *input* (fala percebida pela criança), construa hipóteses sobre a língua, escolhendo os parâmetros que deverão ser marcados ou fixados, gerando a gramática de sua língua nativa (MATZENAUER, 2003).

Ou seja, a criança nasce pré-programada para adquirir a linguagem e é capaz de, a partir da exposição à fala, construir suas hipóteses sobre a língua ao qual está imersa.

Sendo assim, a proposição chomskyana está pautada no inatismo e na ideia de que existe um dispositivo independente para a linguagem, exclusividade essa da espécie humana, de caráter altamente criativo. Dessa forma, o uso criativo da linguagem é um aspecto fundamental da essência humana e essa criatividade determina que o ser humano seja capaz de compreender e produzir uma sentença jamais ouvida anteriormente (QUADROS, 2013).

Referenciando a autora supracitada, nessa perspectiva a linguagem é compreendida como um sistema de princípios inatos e de caráter universal e, portanto, fazem parte da faculdade da linguagem humana. A criança terá a tarefa de acessar esse sistema a fim de ativar sua gramática. Logo, se explica como é possível uma criança adquirir um sistema de princípios tão complexo em tão pouco tempo, pois se os indivíduos têm a mesma competência linguística para adquirirem uma língua, esta pode ser caracterizada enquanto sendo uma gramática universal (GU).

Uma vez que essa língua seja estruturada por um sistema hierárquico cujo funcionamento deva se dar para que os falantes compreendam-se entre si, agrego algumas reflexões realizadas por Cizescki em sua tese de doutoramento, justamente a respeito dos processos gramaticais e agramaticais a luz da teoria gerativa.

A respeito de Chomsky, Cizescki (2013) refere que, embora o autor afirme que o objetivo da teoria da linguagem seja formalizar a capacidade do falante-ouvinte ideal em reconhecer quais sentenças pertencem ou não a sua língua, não se obteve, ao longo da teoria, a formalização de tal capacidade com sua devida definição. O primeiro questionamento que vem desse ponto é sobre o porquê de o autor não ter fornecido uma definição elaborada da gramaticalidade. Por consequência, uma possível resposta está no fato de a gramaticalidade sempre aparecer vinculada à intuição.

Para a autora, de acordo com Chomsky os falantes nativos possuem um senso intuitivo de gramaticalidade e, por terem alguns padrões estruturais internalizados, identificam sentenças gramaticais nunca antes produzidas. No entanto, algo que Chomsky não aponta nesse momento (entre a década de 50 e 60), mas que é passível de ser pensado, é que os falantes, da mesma forma, identificam sentenças ditas agramaticais. Então, não faria parte desse comportamento e dessa

intuição à capacidade de reconhecer àquilo que não faz parte da língua nativa?

Esses questionamentos são reflexões realizadas por Cizescki ao tentar compreender a relação entre a intuição do falante e as sentenças produzidas pelo mesmo.

Cabe ressaltar que essas reflexões não estão relacionadas à existência da habilidade gramaticalizada nos falantes, mas sim ao fato de o autor (Chomsky) reconhecer a não definição do que seja a gramaticalidade no sistema, ao mesmo tempo em que afirma ser essa uma noção essencial para o funcionamento da língua.

Quadros (2007) também observa e reflete sobre Chomsky traçando um paralelo em relação a Skinner. Menciona que por vários séculos a tradição das investigações focalizou o desenvolvimento humano como sendo fruto das relações com o ambiente com base em um conjunto limitado de operações de associação. Se isso fosse verdade os seres humanos seriam extremamente limitados aos resultados apenas de suas experiências. Dessa forma, reflete-se novamente aqui, que o *input* inato que a criança possui ao nascer, não depende exclusivamente dos estímulos do ambiente no processo de aquisição da linguagem pela criança.

Por isso, de acordo com Miotto et al. (2013) como o conhecimento adquirido vai muito além da informação disponível no ambiente os dados linguísticos primários devem estar previamente determinados. De qualquer forma, faz-se necessário entender qual é o papel da experiência e como ela chega à criança.

É impossível imaginar que a criança venha a ter contato com a totalidade daquilo que seja a sua língua, uma vez que se trata de um objeto finito, porém, uma vez assimilado e processado possibilita sucessões, combinações e categorias infinitas de linguagem. Dessa forma, assume-se que o processo de aquisição da linguagem seja inato, guiado pela faculdade da linguagem que possui uma gramática universal, composta por princípios e parâmetros.

Os princípios se aplicam a todas as línguas naturais sem que tenham que ser adquiridas e os parâmetros, ainda que em número reduzido, estão igualmente previstos pela gramática universal, porém com valores abertos a serem marcados de acordo com a língua que a criança ouve ao seu redor. Uma vez filtrados os dados do *input* e marcados os valores adequados dos parâmetros, supõe-se que a criança tenha adquirido o sistema gramatical de sua língua (MIOTTO et al, 2013).

A respeito da aquisição da linguagem, o estudioso americano Thomas Scovel (1998, p. 20) refere aos seguintes termos: “Sometimes,

children's creative constructions reflect their apparently inborn sensitivity to the syntactic structures of the language they are acquiring".³

The point is that children are not only active and creative participants in the acquisition of their mother tongue, even their 'errors' often indicate that they are remarkably sensitive to the subtle but inherent grammatical characteristics of the language they are learning (SCOVEL, 1998, p.21).⁴

Essa proposição remete ao conceito de intuição linguística do falante, mencionado por Cizescki (2013) quando reflete a respeito desse conceito em Chomsky, referido alguns parágrafos acima. Com o propósito de adentrar ao estudo no que se refere ao conexionismo, abordo novamente o autor americano previamente citado, quando descreve a respeito da produção da linguagem cerebral:

The production of speech is neurologically and psychologically far more complex than other brain activities. However, its intricacy also goes unappreciated until we suffer some linguistic disability or commit a slip of the tongue. In daily conversations, we remain generally unaware of the complexity of our achievement. Again, it is only through disability that our marvelous ability is made manifest...psycholinguists tend to divide linguistic phenomena into stages. One of the most influential psycholinguistic models for speech production, developed by Levelt, views it as a linear progression of four stages: conceptualization, formulation, articulation and self-monitoring (CIZESCKI, 2013, p.27).⁵

³ Por vezes as construções criativas das crianças refletem sua sensibilidade claramente inata para as estruturas sintáticas da língua que estão adquirindo.

⁴ A questão é que as crianças não são apenas participantes ativas e criativas na aquisição de sua língua materna. Mesmo os 'erros' frequentemente indicam que elas são notavelmente sensíveis às características gramaticais sutis mas inerentes das línguas que estão aprendendo.

⁵ A produção da fala é neurologicamente e psicologicamente muito mais complexa do que outras atividades cerebrais. Contudo, essa complexidade passa despercebida até que soframos alguma alteração de fala ou cometamos um

Partindo do pressuposto de que esses estágios são sucessivos e dependerão do bom funcionamento cerebral, o conexionismo argumentará que a recente gama de estudos sobre o funcionamento dos neurônios e sobre os graus de plasticidade do córtex cerebral tem gerado teorias cada vez mais precisas a respeito do funcionamento do cérebro humano. Os conexionistas defendem que uma grande quantidade de informação é latente no ambiente e pode ser extraída através do uso de regras de aprendizagem simples.

Baseado na crença de que o processamento cognitivo ocorre de forma semelhante à interconexão dos neurônios no cérebro é que os conexionistas modelam fenômenos comportamentais através de técnicas de simulação computacional, as redes neuronais, que nada mais são que uma técnica de modelagem computacional baseada em uma analogia de neurônios (FINGER, 2013).

De acordo com Freitas (2007), nos últimos anos surgiram muitas investigações que pretendem descobrir como se dá, no cérebro a aquisição da linguagem. Desde então, as pesquisas de McClelland e Rumhart, a partir da década de 80, investigam a aprendizagem da língua materna ou de segunda língua a partir do conexionismo, cuja proposta é que a aquisição tem como base a formação de unidades neuronais de pensamento. Essas unidades neuronais formam redes de associação. Dessa forma, conforme também mencionado por Finger (2013), adquirir conhecimento ou adquirir uma língua implica o estabelecimento de novas e constantes conexões neuronais.

Scovel (1998) argumenta que, apesar de haver o conhecimento inato a respeito da aquisição de uma língua, ainda assim a criança precisa crucialmente de um ambiente social que a rodeie. Segundo o autor, é possível que as crianças nasçam com conhecimento inato de que as línguas seguem certos princípios gramaticais, mas a aquisição de palavras depende crucialmente do ambiente em que elas estão.

deslize de linguagem. Nas conversas cotidianas, permanecemos geralmente inconscientes da complexidade de nosso feito. Uma vez mais, é apenas por meio de alterações que a notável capacidade da linguagem torna-se manifesta ... psicolinguistas tendem a dividir os fenômenos linguísticos em estágios. Um dos mais influentes modelos psicolinguísticos para a produção da fala, desenvolvido por Levelt, a vê como uma progressão linear em quatro estágios: conceptualização, formulação, articulação e automonitoramento.

Tendo em vista essas diferentes epistemologias sobre a linguagem e sua aquisição, abordo na sequência a respeito da concepção interacionista da linguagem, cuja característica principal se dá na crença de que o outro exercerá papel fundamental no processo de aquisição da linguagem pela criança.

Para Morato (2011), referente ao conceito e a terminologia pertinente ao interacionismo, ao fazer uma reflexão crítica, as relações estão e são praticamente tomadas pela interação. A autora acredita que o termo interacionista é bastante amplo e engloba, na verdade, diferentes teorias unidas por um mesmo eixo central. Superar dicotomias clássicas como língua x fala, sujeito x objeto, competência x desempenho, nas quais a Linguística se funda como ciência, auxilia-nos a identificar as consequências teóricas e empíricas a respeito do interacionismo para reflexão em torno da linguagem cujos desafios a Linguística tem se proposto a estudar a partir dos postulados de Ferdinand de Saussure.

Ainda de acordo com a autora supracitada, o interacionismo refere que toda ação humana precede e procede de interação implicada às práticas sociais nas quais a linguagem está imersa, além das múltiplas atividades psicossociais que envolvem os falantes, nos aspectos subjetivos de sua língua e seu funcionamento, na existência de semioses ocorrentes nas práticas discursivas postulados no estatuto do outro a partir do processo de aquisição da linguagem pela criança.

Assim, a concepção de linguagem interacionista é aquela que não concebe a linguagem meramente como um código formal com a finalidade de transmitir informações, excluindo o sujeito que fala e os múltiplos fatores contextuais de interpretação, mas sendo uma atividade posta em ação como a metalinguagem que nos aponta ao próprio uso da linguagem enquanto manifestado nas relações. (PALLADINO, 1986; LEVY, 1990; ARANTES, 1994; DE LEMOS, 1982; COUDRY & POSENTI, 1983; COUDRY, 1988; ROJO 1985).

Ainda de acordo com Morato (2011) no que diz respeito aos estudos sobre aquisição de linguagem pode-se dizer que é a partir de seus dilemas que se tem vislumbrado suas riquezas, abrindo caminhos para reflexão e investigação do e no campo linguístico. Neste contexto de investigações, há a necessidade de refletirmos sobre o lugar epistemológico reservado à linguagem em meio a outros elementos que constituem as interações sociais, verbais, interpessoais. Dessa forma, cabe acentuar que a identificação da concepção de linguagem concomitantemente ao âmbito social, implica num determinado constructo teórico essencial para identificação do tipo de interacionismo que se reivindica ou proclama.

A melhor resposta para essas questões que implicam o sujeito, o falante e o outro terá sido (re)afirmada com o pensamento de que a linguagem e a vida são dialógicas e responsivas por natureza. Sendo assim, o processo de subjetivação, que implica a ordem própria da língua, conforme propõe De Lemos (1992), remete ao modo singular de captura do ser pela linguagem. Singular aqui se refere ao modo como somos interpretados e como é interpretada nossa relação com a linguagem. Assume-se que a fala dirigida à criança não é desabitada ou neutra, mas convocada pela presença viva a ser nomeada e falada através do outro, que de maneira própria (singular) enlaça a criança na instância da língua constituída, ou seja, o *infans* é capturado pela trama linguística do adulto e é inserido na rede de significações através do outro, que muitas vezes o faz, sem mesmo estar consciente de suas ações.

Neste interim, as mudanças que qualificam a trajetória da criança de *infans* ao estatuto de sujeito-falante são mudanças de posição na estrutura da linguagem a partir do outro. Há relação entre três polos: na primeira posição, pela dominância da fala do outro, na segunda posição pela dominância do funcionamento da língua e na terceira posição pela dominância da relação do sujeito com sua própria fala sendo que é na terceira posição que a criança, enquanto sujeito falante, se divide entre aquele que fala e aquele que escuta sua própria fala, sendo capaz de retomá-la e reformulá-la além de reconhecer a diferença entre sua fala e a fala do outro (LEMOS, 2007).

Arantes (1994) acentua que, ao considerar o sujeito a posição do adulto é de evocação quando, no próprio funcionamento da linguagem, pausa, pontua, interpela, abre um vazio, um silêncio que suscita, fazendo advir à palavra daquele que está por aprender e apreender, ou seja, o adulto, permeado e apropriado da linguagem, naturalmente exercerá a função de co-partícipe no processo onde a criança está em sua aquisição.

O enfrentamento do problema da percepção ou do acesso à linguagem implica considerar a posição da criança na estrutura **sujeito, língua e fala**, no qual esses estão por sua natureza, direcionados da escuta para fala e vice-versa. Em relação à criança, sua fala é tomada enquanto uma relação atravessada pelo funcionamento da língua (ANDRADE, 2007).

Se aquilo que projetam e que referem a nosso respeito nos dá forma e nos lança na arena discursiva à medida que nos tornamos seres falantes e desejantes então as trocas discursivas e dialógicas com os outros falantes da língua, estarão comprovadas em sua eficácia.

Nesse ponto, os interlocutores se alternam ora numa posição ativa, ora numa posição passiva do discurso. Benveniste (1996) explica que o “eu” é sempre transcendente em relação ao “tu”, e que o ato de enunciar é assim um exercício de troca do uso de “eu”, possível no exercício do diálogo.

Encontra-se aqui o paradoxo da enunciação: não se pode ser sujeito sem ocupar o lugar de “eu”, porém é necessário trocá-lo a favor de “tu”. Ora sou quem enuncia, ora sou aquele quem recebe a enunciação e assim sucessivamente. Dessa forma, Flores (2005) afirma que o sujeito não é um objeto. Mas, para que ele encarne a linguagem, deve-se acreditar que o sujeito é permeado por essa mesma linguagem cuja intersubjetividade torna-se condição *sinequanom* para sua constituição.

Destacando a linguagem no contexto da interação social, percebe-se que as relações da criança com os adultos são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, tendo em vista a constituição como um sistema dinâmico por meio do qual ambos contribuem com suas experiências e conhecimentos para o curso da interação estabelecendo uma relação recíproca e bidirecional. (BORGES e SALOMÃO, 2003).

E ainda as interações são perpassadas por histórias contidas, porém nem sempre contadas. Cada um de nós carrega esta inscrição histórica - sociocultural - em sua bagagem, em sua relação ao mundo exterior e, sempre expresso através da linguagem, nos esforçamos por sermos compreendidos pelo outro enquanto o outro também executa esforços a fim de compreender aquele que se expressa.

Essa reflexão remete ao fato de que somos constituídos pelos ecos das vozes que ouvimos desde antes do nosso nascimento.

Assim, adotando uma concepção de linguagem que não a vê somente enquanto um código com a finalidade de transmitir informações, o ato de aguardar a resposta do outro é também um indício do comportamento dito intencional. A criança permanece à espera da resposta do outro, tornando mais evidente sua própria intencionalidade comunicativa (HAGE, 2001). Entende-se assim que esse jogo dialógico tem início desde cedo nos turnos discursivos apreendidos e observados pela criança.

A citação de Hage ao mencionar a respeito da intencionalidade comunicativa e ao referir-se aos processos iniciais de diálogo tomados pela criança demonstra que sua autonomia discursiva já está apropriada possibilitando refletir que, neste processo evolutivo, a criança percebe-se participativa dos turnos comunicativos entre ela e o adulto,

prontificando-se tanto a responder bem como a iniciar uma conversa, uma vez que se encontra em posição ativa do discurso. Nesse momento, a criança está segura do seu dizer e naturalmente envolve-se no processo dialógico.

Partindo deste pressuposto, acredita-se que o meio assume um papel essencial no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois nele a criança vai se desenvolver de forma progressiva. Em um ambiente estimulante e facilitador a complexidade da linguagem da criança se desenvolverá de forma natural respeitando o ritmo individual e singular de cada um (MARCHÃO, 1999).

É nesse sentido que se pode dizer que a aquisição da língua materna põe o sujeito na posição falante, isto é, passa a qualificá-lo a partir do momento lógico de captura por um modo de funcionamento linguístico, sendo autor de seu próprio discurso.

Castro (2007) refere que além dessa hipótese, que considera a língua materna a partir da incidência de um funcionamento linguístico sobre o *infans*, não se resume à questão cronológica de que a língua materna seja a primeira ou a única. Nesse sentido, a criança pode aprender mais de uma língua concomitantemente. A aquisição da linguagem, nessa proposta, pode ser definida pela possibilidade que se tem enquanto sujeito, em ocupar distintas posições numa estrutura cujos pólos são o outro, a língua e o próprio sujeito (LEMOS, 1992).

Em 2007, a mesma autora entende que os estudos em aquisição de linguagem são levados a se questionarem sobre o sujeito e o seu estatuto quando as elaborações discursivas são produzidas, tendo na análise da fala de crianças o vislumbre da capacidade de pôr em ato e sustentar-se por si mesma o empreendimento comunicativo cuja dependência se dá em grande parte a partir da função do desejo do outro que mobiliza o sujeito falante.

A fim de elucidar o processo metalinguístico, Scarpa (2007) refere que linguisticamente temos a classificação em três atividades caracterizadas em: epilinguística, metalinguística e linguística. Saliento que não necessariamente estão em etapas distintas, mas entrelaçadas umas às outras.

A primeira refere-se ao que o próprio sujeito faz com a linguagem, atuando consigo mesmo ou através da intermediação do outro, dos discursos anteriores e da própria forma linguística. Esta primeira se oporia à segunda no momento em que as operações metalinguísticas se vinculam a construção pela linguagem, de um sistema representativo que se refere a fenômenos de linguagem observados analiticamente pelo próprio sujeito. Neste contexto, cabe

destacar que as atividades linguísticas são comunicativas e representativas do sujeito na linguagem (SCARPA, 2007).

Para que se possa dar continuidade ao estudo, faço uma reflexão a respeito das diferentes concepções a respeito da linguagem, seu processamento e aquisição. Observa-se que os objetos são sempre os mesmos: a língua e o sujeito que está por adquiri-la.

As variantes são os diferentes pontos de vista, referentes a forma com que esta língua será capturada, aprendida, adquirida pela criança. As diversas epistemologias que se debruçam interminavelmente a descobrir o que está coberto pela nebulosidade que a linguagem nos suscita e faz incidir esforços por decifrá-la e entendê-la para finalmente tê-la enquanto laço comunicativo, constructo feito indeterminadamente e infinitamente com o outro.

O ser humano está pautado no estatuto da comunicabilidade. Sem ela, nada ou quase nada pode ser realizado e contemplado. Talvez por isso é que desenvolvemos uma obsessão por querer transformar a linguagem em matéria pronta, definida e (de)limitada; porém quando posta vivencialmente e literalmente na boca do falante, o controle estrutural da língua, esse que é pensado em forma e substância ou em gramaticalidade hierárquica, muitas vezes, perde seu estatuto de invencibilidade e pureza, tornando-a impura e mais comum do que possamos imaginar, porém imprescindível para sobrevivermos à selva, da comunicação humana.

Metaforicamente, a linguagem está mais próxima de Babel que de Pentecostes. Cabe a nós, termos a escuta necessária em transmutar por entre os entroncamentos dos dizeres e não dizeres, muitas vezes indecifráveis, ora compreensíveis ora incompreensíveis. Em última instância, a linguagem por mais estruturada que seja em sua abstração, ao adentrar no discurso do falante, perde sua garantia.

2.2. GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO

Pensar em atendimento clínico, seja de qual área da saúde for, impele quase que obrigatoriamente uma imagem ao qual se supõe um profissional frente ao paciente, que traz consigo alguma “doença” em busca de uma “cura”. Marquei aspas nas palavras doença e cura, frente à cultura positivista que circunda a medicina. Essa cultura refere-se ao pensamento cartesiano de que as doenças são curadas através da correta indicação medicamentosa e do tratamento individual.

Atualmente, novas perspectivas são estudadas e consolidadas a fim de respaldarem outras formas de atuações nos tratamentos em benefício da saúde. Por essa via, a atuação fonoaudiológica vai além dos atendimentos exclusivamente individuais.

Alguns pesquisadores têm se preocupado com estas atuações cujo recorte trago e referencio aqui no que concerne aos grupos terapêuticos fonoaudiológicos.

Santana, Dias e Serrato (2007) ressaltam que o grupo difere da orientação individual tendo em vista a possibilidade do jogo interacional entre os participantes e não apenas entre terapeuta e familiar. Nesse sentido, o espaço do grupo permite aos participantes se expressarem e compartilharem suas queixas e dúvidas. A discussão em grupo fomenta o compartilhamento de sentimentos e de histórias de vida.

Contudo, o trabalho com grupos não é um espaço para prescrições nem mesmo um lugar mágico que gera rápidas e instantâneas transformações, mas um lugar de idas e vindas, aberto às reflexões singulares de cada um, respeitando as diferenças trazidas por cada familiar e apoiando-se nas experiências uns dos outros para que individualmente as relações sejam ressignificadas (GUARINELLO & LACERDA, 2007).

Articulando a essa ressignificação Portela (2006) refere em suas pesquisas que nos grupos de ajuda mútua as pessoas se conhecem, convivem, trocam experiências e problemas. Em contrapartida percebem que, além de serem ajudadas, têm a oportunidade de ajudar outras famílias, o que aumenta de forma significativa seu senso de pertencimento ao grupo e sua autoestima.

Araújo e Freire (2011) mencionam que o atendimento fonoaudiológico em grupo teve como objetivo inicial suprir a grande demanda que havia para o atendimento individual. Uma busca através da literatura fonoaudiológica aponta que as propostas de grupos terapêuticos tiveram início no final dos anos 80, motivadas, grandemente, pela inserção do fonoaudiólogo na saúde pública. Já sua investigação enquanto objeto clínico vem sendo tratada desde a década de 90.

Em complemento, Mendes (2009) refere que, na fonoaudiologia, essa questão só começa a ganhar alguma visibilidade na década de 1980 devido à ampliação da inserção desse profissional em instituições e na consequente expansão da utilização de técnicas grupais.

Recentemente, Berberian e Santana (2012) referem que a experiência dos atendimentos em grupo tem se mostrado, ao longo dos anos, um elemento contribuinte das e nas práticas clínicas. As

abordagens grupais vêm gradativamente se expandindo também em campos da educação e da saúde. As autoras supracitadas acreditam que embora ainda tenhamos um número restrito de pesquisas em práticas grupais, especialmente quando comparadas às intervenções individuais, as concepções e experiências em torno deste tipo de atuação ganharam espaço e circulação entre os profissionais nos últimos cinco anos.

Essas considerações são embasadas em pesquisas referentes à formação de diversos grupos terapêuticos fonoaudiológicos realizadas entre 2007 e 2012, cuja compilação dos trabalhos resultou em dois livros, intitulados *Abordagens grupais em fonoaudiologia* e *Fonoaudiologia em contextos grupais* respectivamente.

Corroborando com essa percepção a respeito das formações grupais fonoaudiológicas, Panhoca e Machado (2007) destacam que o grupo terapêutico fonoaudiológico vem, gradativamente, solidificandose e, de uma iniciativa que visa ampliar o número de sujeitos atendidos para dar conta da demanda do sistema público de saúde, passou a ser considerada uma possibilidade efetiva de construções coletivas, ao proporcionar o desenvolvimento individual e social dos sujeitos.

Nesse sentido, o atendimento em grupo é uma forma eficaz de se trabalhar, servindo como instrumento de prevenção e de promoção da saúde, configurada tanto em entidades públicas quanto privadas não só para auxiliar a redução de filas de espera e acelerar a demanda dos atendimentos, mas principalmente como forma de potencialização dos sujeitos atendidos, pelo sustento e compartilhamento que o grupo oferece (SOUZA et al, 2011).

Ainda de acordo com os autores supracitados, as atividades em grupo podem ser benéficas tanto emocionalmente quanto socialmente auxiliando o indivíduo em suas relações pessoais e interpessoais, criando situações de diálogo, enfrentamento das dificuldades, funcionando como uma troca de experiências, as quais possam auxiliar na reabilitação do paciente bem como na convivência com os demais.

No funcionamento de um grupo terapêutico, pela sua heterogeneidade e diversidade socioeconômica-cultural, há possibilidades de contribuição, de partilha, complementaridade em relação aos demais membros de grupo, uma vez que a dificuldade de um pode ter sua resignificação na habilidade do outro e o que falta em um pode estar em outro. (MACHADO, BERBERIAN e MASSI, 2007).

Dessa forma, as autoras concluem que a transformação do agrupamento em grupo se dá pelo vínculo e pelos papéis que os sujeitos assumem na dinâmica do processo grupal e, para a configuração do grupo, é fundamental a promoção de discussões sobre o porquê de estar

em grupo e, portanto, em torno de aspectos relacionados aos limites, sofrimentos e problemas vividos pelos sujeitos.

De acordo com Ribeiro et.al (2012), a terapia grupal no âmbito da fonoaudiologia evidencia seu benefício no processo de (re) constituição do sujeito que passa a ter nova visão sobre si, sobre o outro e especialmente sobre as relações sociais bem como sobre as próprias condições de linguagem e comunicação.

Passos (2004) defende que o grupo e seu funcionamento são construídos na prática e que as características do atendimento fonoaudiológico em grupo são adquiridas no próprio evento e a partir do funcionamento grupal. O fonoaudiólogo irá escutar e dar lugar à fala dos sujeitos para que ocorram os deslocamentos de posições discursivas. Além disso, quando um participante do grupo tem sua fala acolhida essa não deixa de ecoar em outras falas, movimento esse que leva à reestruturação da queixa inicial e que acarretará deslocamentos e deslizamentos discursivos no interior do grupo.

Essa afirmação elucida a questão das ressignificações das histórias de vida dos sujeitos, perpassadas por entre o grupo, na medida em que os laços são construídos gradativamente bem como a confiança mútua um no outro, facilitando a elaboração daquele que medeia esta arena discursiva.

Elencando os discursos circundantes por entre o grupo, as autoras Santana, et al (2008) tecem críticas à discussão da expressividade e dos gestos em separado da língua. Para elas, a linguagem é repleta de gestos, que variam da especificação mínima da ordem do simbólico, ao uso efetivo dessa ordem. Para elas, desde criança somos sujeitos dos gestos e que, através de seu uso, nas interações com o mundo, adquirimos um saber sobre o outro e, mesmo não advertidos disto, somos tomados pelos efeitos de uma língua.

Machado et.al (2009) coloca que a intervenção fonoaudiológica grupal será conduzida a partir de pressupostos que levem em consideração a abordagem do grupo como um espaço social composto por sujeitos muitas vezes com necessidades diferentes, porém com objetivos comuns, o que remete a uma condição de pertencimento e de continência, a partir de uma escuta terapêutica e das relações que proporcionam aos participantes o papel de sujeitos interlocutores.

Assim, em um grupo terapêutico é de suma importância que se dê lugar tanto para escuta quanto para fala aos participantes levando em consideração as demandas trazidas pelos mesmos e oportunizando os turnos de fala, equilibrando as histórias e os conflitos de cada um.

Araújo e Freire (2011) realizaram um levantamento bibliográfico no qual identificaram diferentes práticas fonoaudiológicas em grupo, atreladas a diversas perspectivas teóricas. No que diz respeito aos critérios de formação, a função do fonoaudiólogo no grupo e à prevalência do atendimento em grupo em relação ao individual detectou-se que houve divergências de opiniões, dado que os textos visitados, não foram fiéis com a consistência teórica esperada.

Referem ainda que tal resultado se deve ao fato de haver uma postura irrefletida de conceitos de outras áreas, sem argumentação e sem a reestruturação que sua transposição para a clínica fonoaudiológica exigiria. Sugerem ainda que estas incoerências ocorreram devido ao fato de que não se evidenciou a preocupação em articular os estudos teóricos aos elementos que configuram a clínica fonoaudiológica, a saber: a semiologia, a etiologia, a diagnóstica e a terapêutica.

Todavia, ressalto a partir das palavras de Santos e Araki (2007) que a atividade de grupo ainda representa um terreno novo e desconhecido desta ciência. O fazer clínico visa a uma mudança de posição do sujeito no seu mundo, por valorização de suas capacidades e potencialidades. Assim, para que as apropriações das ações sociais sejam acessadas no contexto do grupo terapêutico, essas precisam ser vivenciadas e compartilhadas cientificamente para que tenhamos conhecimento, consistência e referência aos seus resultados.

Ainda de acordo com Santos e Araki (2007) os grupos terapêuticos são constituídos por diferentes pessoas que, por sua natureza, existem em função de seus inter-relacionamentos. Portanto todo sujeito consiste no fato de ser portador de um conjunto de sistemas: desejos, identificações, valores, capacidades, mecanismos defensivos e, sobretudo, necessidades básicas, como a dependência e a vontade de ser reconhecido pelo outro, com o qual é compelido a viver. Desta forma, especialmente ao se tratar de um grupo terapêutico, o social e o individual não existem separadamente; antes se interpenetram, diluem e complementam-se.

Com isso os grupos terapêuticos, seja por qual área forem constituídos (enfermagem, psicologia, nutrição, psiquiatria, fonoaudiologia, entre outros), independentemente de suas bases teóricas e metodológicas, estão inevitavelmente inseridos no universo das relações humanas, cada qual perpassado pela história e estória do outro, cruzados muitas vezes por aquilo que se repete, espelhados na cumplicidade daqueles que detém questões em comum, seja num grupo de afásicos, por exemplo, ou de familiares de crianças nascidas surdas,

ou ainda num grupo de crianças acometidas por alguma alteração de linguagem.

E para finalizar, a força nodal de um grupo terapêutico baseia-se na convivência, na troca, nas ressignificações e principalmente no reposicionamento de cada participante, que precisa ocupar o seu lugar, lugar esse amparado e possibilitado pelos dizeres que circulam por entre o discurso linguístico, compactuados as suas trajetórias de vida.

3 ESPECIFICIDADES A RESPEITO DE GRUPOS TERAPÊUTICOS FONOAUDIOLÓGICOS: DOIS AFUNILAMENTOS

3.1 GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO CONSTITUÍDO POR FAMILIARES CUJAS CRIANÇAS APRESENTAM ALTERAÇÃO DE LINGUAGEM

Historicamente, verifica-se uma extensa variabilidade de formas de organizações familiares e sociais, sendo a família refletora das estruturas sociopolíticas e econômicas das sociedades, resultando em diversas práticas e modos de cuidados às crianças. A despeito desses diferentes modos de organizações e relações existe o papel do vínculo afetivo que representa o componente de sociabilidade humana presente enquanto estrutura na espécie. (CARVALHO, 2005)

Se considerarmos a formação de um grupo terapêutico fonoaudiológico como sendo uma organização social cabe mencionar que uma das mais importantes funções que um grupo terapêutico de familiares possui está em perceber o quanto seu discurso, a interação entre o próprio grupo e o modo como lidam com o sintoma da criança contribuem na construção interativa entre si (familiares e criança), e conseqüentemente nos seus processos de aquisição da linguagem.

Logo, a intervenção com foco nas famílias consiste na realização de conversas continuadas com os pais das crianças acerca dos temas relacionados às queixas que geraram a busca pelo atendimento clínico bem como dar acolhimento e respostas possíveis aos questionamentos e às angústias, cujas famílias são muitas vezes tomadas.

A respeito da constituição de um grupo, Liebmann (2000) refere que o mesmo pode ser constituído tanto por familiares de crianças que estão em atendimento, como por familiares de crianças em fila de espera para serem atendidas. Um grupo sendo aberto e flexível poderá receber novas famílias ao longo dos encontros não havendo cronologia ou regras pré-estabelecidas. Por sua vez, os grupos fechados não possibilitam o ingresso de novos participantes, mesmo após a desistência de algum membro.

Se o grupo for constituído, por exemplo, em uma unidade básica de saúde, devido à rotina intensa dos mesmos o grupo aberto é o mais indicado, pois favorece a entrada e saída de pessoas, possibilitando a abrangência destinada ao público diversificado. Pode-se tanto trabalhar

com quantidade de sessões pré-determinadas ou propor um grupo contínuo, sem que haja previsões para seu fim.

Quanto à formação de um grupo terapêutico este pode se constituir em clínicas, postos de saúde, hospitais e demais espaços de atendimentos. Os familiares (pais, mães, tios, avós, irmãos mais velhos) são convidados a participar do grupo. As informações são compartilhadas com os participantes como, por exemplo, os objetivos, horários e periodicidade dos encontros. O ideal é que os encontros tenham a duração de uma hora semanal. À determinação do tempo depende também da quantidade de integrantes, já que grupos com grande quantidade de pessoas demandam um tempo maior (GRANFAR e SANTANA, 2015).

Ao focar as famílias nos programas de intervenção, Dessen e Silva (2004) recomendam que os programas de intervenção diretamente voltados a uma atuação conjunta com a família devam ser planejados com base em dados empíricos. Quando o real foco da intervenção for o grupo familiar e sua natureza for educativa os autores sugerem uma mudança da nomenclatura “programas de intervenção” para “programas de educação familiar”. Nesse caso, educar – ao invés de intervir - é um termo mais abrangente, inclusivo e apropriado. No âmbito internacional, tal terminologia já vem sendo adotada nos Estados Unidos onde os programas de educação familiar fazem parte de programas públicos de saúde, em muitos estados americanos.

Ao final da década de 70, Mittler (1979) afirmou que, ao considerarmos que a educação tem seu início no ambiente familiar, assumiremos que os pais devem estar no centro do processo educacional por atuarem como mediadores da maioria das experiências de seus filhos e que, através da linguagem histórica e emaranhada ao discurso social, o envolvimento dos pais é compreendido pela participação ativa em programas elaborados em prol de ajudarem seus filhos a desenvolverem habilidades e potenciais.

Entretanto, o que convoca a um familiar a participar em algum grupo é o seu próprio desejo. Terçariol (2009) refere que a inclusão dos pais nesse processo proporciona que seus discursos contribuam de maneira significativa na interpretação dos sentidos dos sintomas de linguagem da criança.

Diante do discurso familiar deve-se refletir acerca da importância da escuta terapêutica. Arantes (1997) salienta que o discurso da família deve ser mais do que ouvido e registrado. Para a autora, ele deve ser escutado de forma única e singular. Pois, embora a família muitas vezes refira que a criança não fala, no discurso do outro ela é falada.

Jerusalinsky (1999) aprofunda essa questão salientando que o sujeito é o efeito da obra da linguagem e como tal está antecipado no discurso parental. Sendo assim, acentuo que tanto o pai quanto a mãe sustentarão lugares dialógicos e funções discursivas a partir das quais o sujeito (bebê) é engajado gradativamente ao discurso social através das palavras encadeadas que o inscreverá em sua história familiar e cultural.

Ao serem questionados a respeito do que os levou até o grupo, geralmente os pais se queixam e falam imediatamente dos sintomas e do diagnóstico da criança: *“meu filho é surdo ou meu filho tem síndrome de Down e ainda meu filho começou a gaguejar ao iniciar a fala.”* Inicialmente, os pais estão mais preocupados com o rótulo que foi dado ao seu filho, do que propriamente com aquilo ao qual a criança demonstra enquanto dificuldade comunicativa.

Ao mediar o grupo, o terapeuta deve escutar o discurso da família de forma singular. Nele está inscrito o lugar designado para a criança, pois o discurso dos pais é o lugar de compreensão sobre o modo como eles enxergam a criança. Muitas vezes eles atribuem previamente o lugar de não-falante aos filhos como, por exemplo, através da utilização de frases como *“ele não sabe, não aprendeu a falar, é preguiçoso”*. É importante ressaltar que o discurso em grupo não deve ser direcionado para corrigir a fala dos pais, julgando-a como erro, mas sim para entender e ajudar a ressignificar a relação deles para com os sintomas da criança (GRANFAR e SANTANA, 2015).

As autoras também referem que ocorrem situações familiares em que as crianças moram com os avós. Podem existir avós muito dominadoras e que tiram o lugar da mãe ou do pai da criança, tomando para ela toda a responsabilidade. Não é incomum avós e mães, durante os encontros do grupo, justificarem suas ações e também se acusarem mutuamente, colocando a “culpa” da fala da criança em outro membro da família. Nesse caso, o terapeuta pode tomar a palavra e transcender a discussão sobre “culpa”, pensando no que se pode fazer para favorecer a aquisição da linguagem da criança.

Novamente, cabe acentuar que o grupo trocará experiências que, ao final, possibilitam que todos os participantes reflitam sobre suas ações em relação à criança que apresenta alterações de linguagem. Ressalta-se que o fonoaudiólogo deve ficar atento às necessidades de certos encaminhamentos para terapia psicológica e áreas afins, respeitando os limites de sua atuação, quando necessário.

Ao levar em consideração o processo de desenvolvimento do grupo, ao invés de focar em meros resultados obtidos, observa-se de perto e progressivamente o engajamento dos familiares no grupo bem

como as transformações subjetivas e discursivas de cada participante. Assim, pretende-se garantir a promoção da cidadania, por meio da reafirmação da autonomia do sujeito, da liberdade de escolha, do melhor entendimento sobre si e sua vida. Os profissionais da saúde passam a compreender que o outro tem um saber sobre si próprio, devendo esse ser considerado em todos os momentos, uma vez que o profissional não é o detentor da verdade (DEBASTIAN, 2007).

Ou seja, o profissional irá pressupor que o saber que estava no interior do grupo seria um saber compartilhado por igual, no sentido de acreditar que as vivências e as experiências de cada membro presente contribuirão no crescimento compartilhado ao grupo. Todavia, o mediador tem os pulsos e o termômetro do andamento dos encontros.

Como amostra de pesquisa a respeito de grupos terapêuticos fonoaudiológicos, os resultados do trabalho de Botasso et.al (2013) demonstram que os participantes de um programa de família reconheceram que o fonoaudiólogo atua na prevenção e promoção de saúde além de desenvolver ações que esclareçam as dúvidas dos cuidadores permitindo aos familiares que se sintam parte do processo de desenvolvimento infantil, estabelecendo o vínculo e a integralidade de sua atuação enquanto responsável pela criança.

Em outra pesquisa a respeito de grupos terapêuticos, de acordo com Terçariol (2009), estudos mostram que os participantes na sua maioria são as mães, em menor número as avós e, ocasionalmente, os pais como indivíduos frequentadores dos grupos. Neste contexto, a inclusão de um ou outro elemento familiar não está atrelada a uma escolha aleatória do mediador do grupo, mas à possibilidade do profissional em identificar de que forma esses indivíduos exercem determinadas funções na constituição da criança em questão.

Ribeiro et.al (2012) através de sua vivência clínica, tanto em ambientes institucionalizados quanto em consultório particular, observam que em especial mães e pais que dedicam atenção a seus filhos consequentemente têm crianças com comportamentos menos agitados. Detecta-se que essa dedicação familiar (em especial a materna) aumenta a evolução dos casos encurtando o tempo da terapia fonoaudiológica.

Pensar no contexto grupal enquanto ferramenta terapêutica implica em perceber o quanto um grupo se torna uma arena discursiva e promove ressignificações de alguns sintomas da linguagem, acolhendo a queixa do familiar, ao mesmo tempo em que, constroem-se novos saberes com aqueles que participam ativamente das interações (SANTANA e SANTOS, 2012).

Santana et al (2008) ao analisarem a formação de um outro grupo terapêutico destacam que, a partir da experiência realizada em grupo de mães instituído em órgãos públicos, mudanças aconteceram e, na medida em que o grupo avançava, reduzia-se a ansiedade em relação às dificuldades de linguagem dos filhos, devido ao fato de discutirem suas angústias e falarem sobre seus problemas, identificando-se entre si e em relação aos sentimentos manifestos entre os membros do grupo.

As mudanças ocorridas na interação entre mães e filhos podem ser atribuídas ao fato de que o trabalho grupal nos contextos comunitários destaca as potencialidades do grupo como um contexto fomentador de transformação e ferramenta de mudança individual.

Santana et al (2008) verificaram com seu estudo que a intervenção em grupo com mães de crianças que apresentam alterações de linguagem foi uma estratégia efetiva na melhoria da interação entre as díades relatadas, o que pode ser considerado como um fator de promoção da linguagem das crianças.

Os grupos terapêuticos familiares estão em crescimento tangencial no que se referem e pautam as pesquisas atuais, que também afirmam aos resultados positivos que constituem e permeiam as relações entre pais e filhos em evolução (WIETHAN et al, 2012; SOUZA et al, 2012; BOTASSO et al, 2013).

Pensar as relações entre criança e família pressupõe construir e aguçar uma escuta capaz de apreender modos pelos quais estas instâncias incidam umas às outras, interferindo na estruturação subjetiva e ao desenvolvimento da linguagem da criança.

Cabe ao fonoaudiólogo exercer a importante função de propiciar à família um caminho que promova acolhimento, compreensão e colaboração com o outro. Essa mediação serve como dispositivo entre as pessoas e suas relações beneficiando e potencializando principalmente o desenvolvimento da criança. A experiência clínica mostra que isto é possível e produtivo na maior parte dos casos (GERTEL, 2013). Concordo ainda com o ponto de vista de Gertel (2013), quando propõe uma reflexão a respeito da importância e relevância de incluir a família no processo terapêutico, buscando compreender o porquê esse tema ainda é pouco explorado pelo campo fonoaudiológico.

Talvez a resposta esteja na complexidade e na diversidade das estruturas familiares, nas características culturais e subjetivas de cada grupo familiar; que requerem do fonoaudiólogo o manejo de tantas nuances, ao que concerne o trabalho em grupo, ou seja, àquela postura ética a partir da qual as concepções clínicas familiares não sejam separadas do atendimento da criança individualmente.

A família, geralmente por estar mais presente na vida das crianças, é a instituição e o espaço social onde a criança passa a maior parte do tempo. É nela que os indivíduos irão se constituir emocional, subjetiva e socialmente (GERTEL, 2013).

Sendo assim, para trabalhar com as famílias, em especial em um contexto terapêutico grupal, é fundamental saber como cada uma se constitui, seu conhecimento de mundo, sua forma de pensar e agir, pois esses itens estão diretamente relacionados às suas crenças e à sua cultura. Certamente, essa bagagem familiar influenciará o desenvolvimento da criança.

Scopa, Souza e Lemos (2012) em sua revisão de literatura analisaram vinte e quatro estudos, sendo vinte nacionais e quatro internacionais a respeito da influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem. Levantando cronologicamente as temáticas dos estudos, as autoras concluíram a partir de seu olhar sobre o estudo que os assuntos mais abordados entre o ano de 2006 a 2010 respectivamente, foram:

- Ambientes em que as crianças encontram-se inseridas influenciam no desenvolvimento da linguagem;
- A escolaridade dos pais interfere no desenvolvimento da linguagem; a maioria das crianças que apresentam alteração fonológica tem ao menos um familiar com alteração semelhante a sua; (faz parte do resultado do estudo...) pontuação da cristine severo...
- Alteração fonológica influencia no desenvolvimento do vocabulário infantil;
- Fatores familiares influenciam o desenvolvimento fonológico e o desempenho escolar das crianças.

Podemos perceber que as alterações de linguagem infantil mencionadas acima estão diretamente vinculadas a relações familiares. A conclusão destas pesquisadoras vai ao encontro de Gertel (2013) ao referirem que as produções científicas apresentadas apontam a relevância da estimulação no âmbito familiar e desenvolvimento da linguagem dos filhos. Outro fator que chamou atenção foi a falta de estudos que correlacionem vocabulário e fonologia com os fatores ambientais e familiares.

A partir da revisão da literatura de Scopa, Souza e Lemos (2012) abrem-se novas perspectivas de trabalhos a serem realizadas na fonoaudiologia para que as lacunas existentes possam ser preenchidas

com novos conhecimentos sobre aquisição da linguagem infantil e sua relação com as famílias.

Fica evidente a estrutura interdependente que um grupo por sua natureza mostra. É de uma ordem sem ordem, no qual cada um se coloca presente e se manifesta de acordo com aquilo do qual experimentou ao longo de sua vida até então. Existem pessoas mais tímidas, outras mais espontâneas e diretas, mistura esta que se funde no mesmo desejo: ser melhor compreendido em seu sofrimento e no sofrimento que supõe atingir seu filho que está em atendimento fonoaudiológico individual (SANTOS, ARAKI, 2007).

Estudar a linguagem é uma atividade complexa pois ela desempenha um papel fundamental em nossa vida, uma vez que somos constituídos por dela. E, para além de servir como ferramenta de comunicação daquilo do qual desejamos, ela informa nossas decisões, estando à mercê de nossas histórias, explicações, informações e esclarecimentos; sendo então a principal mediadora das interações sociais. Nas trocas relacionais é a linguagem que se destaca por entre os falantes da língua.

3.2 GRUPO TERAPÊUTICO FONOAUDIOLÓGICO CONSTITUÍDO POR CRIANÇAS COM ALTERAÇÃO DE LINGUAGEM

Embora a maioria das crianças que estão em processo de aquisição de linguagem perpassem espontânea e naturalmente por ela há algumas que, por alguma razão, apresentam dificuldades neste processo. Os motivos são inúmeros, e vão desde um acometimento congênito a uma alteração de linguagem sem causas orgânicas, implicando em desestruturação psíquica e emocional, por exemplo. Ou ainda nos casos pontuais de crianças que apresentam adenoides hipertróficas, desvio de septo, otites repetitivas, processos inflamatórios como rinite e sinusite; que podem eventualmente comprometer o percurso da aquisição da linguagem.

Geralmente, por volta dos quatro anos de idade, a criança já tem adquirido os dezenove fonemas que constituem a língua portuguesa, caso essa seja sua língua materna. Nessa idade também ela é capaz de compreender os diálogos ao seu redor e consegue, na interação, responder seus interlocutores, em especial o pai e a mãe, além dos irmãos mais velhos. Com amigos pertencentes à mesma faixa etária, as crianças brincam e conversam sem maiores dificuldades. Muitos

frequentam creches ou escolas primárias, interagindo bem com os colegas de turma e professores.

Ainda nessa fase, entre três e quatro anos, a plasticidade cerebral encontra-se no auge de sua atuação, levando conseqüentemente a uma explosão de ideias e pensamentos que são muitas vezes transmitidos ao adulto com ansiedade em querer falar tudo ao mesmo tempo, dando a falsa impressão de que a criança esteja acometida por uma gagueira.

O cerne desse trabalho está alhures de ser um promovedor e um “rotulador das patologias da linguagem”. Não pretendo adentrar nessa arena, apesar de que estudiosos da área de fonoaudiologia discorrem, pesquisam e debatem incansavelmente a respeito das categorizações bem como dos diagnósticos referentes ao tema.

A rigor, dentro da própria classe fonoaudiológica, existe uma discussão constante sobre as terminologias. Só para citar alguns exemplos encontrados nos temas das pesquisas têm-se os distúrbios de linguagem, os atrasos de linguagem, os retardos de linguagem, os distúrbios globais de linguagem, e assim sucessivamente.

Por exemplo, é comum crianças de dois ou três anos trocarem a líquida /r/ e/ou /R/ pela [l], como se costuma associar popularmente à fala do personagem da história em quadrinhos, o Cebolinha. Ou ainda, como dito anteriormente, o rótulo de que a criança é gaga, por conta da explosão neuronal. Crianças tímidas e mais introvertidas também podem dar a falsa impressão de que “não falam”. Por outro lado, as que são mais falantes e extrovertidas podem ser consideradas hiperativas.

A gama pela busca de patologias é vasta e pode incomodar e angustiar mais aos pais do que a própria criança em alguns momentos. Sendo assim, faz-se necessária uma observação atenta, menos medicamentosa e diagnóstica. É evidente que existem casos no qual a criança de fato pode apresentar alguma alteração no desenvolvimento da linguagem. E como mencionado na introdução desse trabalho, o termo **alteração** foi escolhido para designar esses casos nessa pesquisa. E ainda pode torná-la agressiva pela frustração em não conseguir se comunicar com o outro.

Por exemplo, uma criança entre sete e oito anos que continue trocando os sons do /r/ e /R/ pelo [l] provavelmente percebe que sua fala pode estar infantilizada e não se sinta confortável perante os amigos da escola tendo como efeito, inclusive, o fato de que seu processo de alfabetização pode se prejudicar. Nesses casos, pode ocorrer de a criança isolar-se dos amigos e familiares a fim de disfarçar seu nervosismo e, às vezes, isso pode ocasionar o medo ao falar.

Enquanto exercendo a profissão, o fonoaudiólogo precisa tomar um cuidado rigoroso ante o frenesi em diagnosticar e iniciar um tratamento. Compreender o processamento e a aquisição da linguagem, minuciosamente estudados pela linguística, faz-se fundamental frente a qualquer atuação clínica.

De qualquer forma, uma das atuações clínicas fonoaudiológicas se dá pela formação de um grupo terapêutico constituído pelas próprias crianças com alguma alteração de linguagem. Esses grupos podem ser formados em unidades básicas de saúde, por exemplo, bem como em instituições públicas como universidades federais e estaduais, além de organizações não governamentais e filantrópicas e ainda em clínicas particulares e consultórios privados.

A terapia fonoaudiológica, nesse contexto, se desenvolve a partir de jogos e brincadeiras em grupo, nos quais são concedidos espaços para que cada criança se manifeste de acordo com sua disposição e capacidade. O terapeuta irá conduzir o grupo de maneira que todos tenham a oportunidade de participar ativamente, mesmo os que são mais tímidos, por exemplo. Muitas vezes, as próprias mães (ou o responsável pela criança) são convidadas a participarem do grupo, gerando trocas discursivas entre elas e em especial com as crianças. Uma mãe que convive somente com seu filho, por exemplo, vivencia e observa a relação de outras mães com seus filhos sendo que, dependendo da intimidade e da frequência com que essa troca ocorre no grupo, podem até viver momentos dialógicos com os filhos de outras mães. Filmes, músicas e desenhos também são ferramentas utilizáveis no contexto grupal.

Na sua maioria são formados nas unidades básicas de saúde que, através do sistema único de saúde implementou o programa de saúde da família, cujo nome indica a prevalência dos cuidados em relação a formações familiares residentes em determinado bairro. Ou seja, uma equipe de médicos, dentistas, psicólogos, nutricionistas e fonoaudiólogos promovem uma série de ações de cunho preventivo, clínico e promocional da saúde dessa determinada comunidade local. Inicialmente, entre a década de oitenta e noventa, as crianças chegavam em alta demanda nas unidades básicas de saúde e eram agrupadas por sintomas clínicos e por suas faixas etárias atendidas em grupo. Com o passar do tempo, percebeu-se que os grupos não necessariamente serviriam para resolução desse tipo de acúmulo, mas como instrumento terapêutico que o fonoaudiólogo poderia utilizar para tratar as crianças mais ludicamente e em menos tempo tanto de espera quanto do próprio

tratamento individual. Os resultados obtidos em grupo são satisfatórios nesse sentido.

4 METODOLOGIA

4.1 FASE EXPLORATÓRIA

Metaforicamente, assim como uma viagem requer preparativos e planejamento, uma investigação acadêmica requer cuidados ainda maiores, pois a fidelidade dos resultados obtidos está diretamente relacionada ao rigor com que o pesquisador executa os passos de sua pesquisa. Nesse sentido, a fase exploratória é fundamental para compreender aquilo que já existe enquanto conhecimento de área, a fim de se percorrer o melhor caminho de pesquisa, além de identificar as possíveis lacunas do conhecimento científico (VIEIRA, 2014).

Corroborando com a afirmação acima, gostaria logo ao início desse capítulo informar ao leitor da dificuldade na localização dos trabalhos, pelas razões descritas a seguir:

- O número de publicações especificamente sobre o tema escolhido ainda é escasso.

- Nenhum trabalho fora identificado pelos dois sites de pesquisa CAPES e SciELO. Explico: ao digitar os descritores escolhidos (alterações de linguagem, grupo terapêutico fonoaudiológico, familiares e crianças), surpreendentemente, o resultado que aparece é: **zero número de registros**.

Portanto, fiz seleções e combinações a partir de diversas tentativas utilizando os descritores citados alternadamente, até que algum resultado fosse encontrado. Vale destacar que o sistema de registro em ambos os sites de busca entendem e identificam a palavra “grupo” não necessariamente enquanto dispositivo de pessoas reunidas em prol de alguma razão, mas enquanto categoria abstrata a fim de tornar algumas pesquisas possíveis, como por exemplo, nos trabalhos que precisam de divisões hierárquicas em grupos num caso controle ou ainda, por exemplo, grupos divididos em faixas etárias e níveis de escolarização de cada criança a ser analisada, ou seja, não são formações de grupos em si, mas agrupamentos abstratos.

Outra constatação é que o site da CAPES indica como fonte de pesquisa: *o Google Acadêmico*. Apesar de não estar descrito na etapa metodológica, optei em testar essa ferramenta, a fim de complementar a busca. Nada menos que 10.000 ocorrências apareceram para o descritor “grupo terapêutico fonoaudiológico”.

A partir de uma leitura não aprofundada, haja vista a impossibilidade em verificar os 10.000 trabalhos, percebi que surgiram pesquisas das mais diversas áreas, cujos temas nada, em absoluto, estão relacionados com a proposta desse trabalho.

Optei por fazer outra tentativa e afinar, desta vez, com os mesmos descritores utilizados no site da *SciELO* e da CAPES. Novamente, ao digitar **grupo terapêutico fonoaudiológico, alterações de linguagem, familiares e crianças** nenhum resultado foi encontrado. Selecionei então os dois primeiros, **grupo terapêutico fonoaudiológico** e **alterações de linguagem**. Encontrei, 5.440 trabalhos. Realizei uma leitura dinâmica nos primeiros trezentos na ordem em que aparecem sequencialmente. Mais uma vez, os temas dos trabalhos localizados são, na sua maioria, discrepantes em relação ao interesse dessa pesquisa.

Dentre tantos, existem alguns que encaixam nos critérios e, por esse motivo, selecionei-os para análise. Apesar de não estarem na categoria de **tese** e **dissertação**, são trabalhos universitários, de iniciação científica e alguns inclusive apresentados sob a forma de pôster. Destaco que entrei em contato com as professoras responsáveis pelos trabalhos, solicitando os textos na íntegra e, caso tivessem outros trabalhos relacionados ao mesmo tema, se poderiam ser compartilhados.

É importante acrescentar que alguns dos trabalhos cujas reflexões serão realizadas são resultados de incansáveis buscas online, nos quais os endereços eletrônicos dos respectivos autores estavam disponíveis. Portanto, através de um e-mail modelo (apêndice A), apresentei brevemente pontos principais da pesquisa e solicitei aos autores, se caso fosse possível, suas pesquisas na íntegra, pois nem sempre os trabalhos se encontram em sua totalidade. Com exceção de dois autores, todos os outros prontamente responderam a minha solicitação. No decorrer desse capítulo, os trabalhos serão explicitados.

Embora a maioria das pesquisas psicolinguísticas esteja alicerçada em bases de cunho experimentais, esse trabalho não está pautado pelo método experimental, tendo em vista que seu objeto não permite este tipo de experimento, mas sim de uma revisão bibliográfica. Esclareço mais detalhadamente a respeito da pesquisa experimental quando Rodrigues (2009) afirma que pesquisa em si é caracterizada pelo emprego do método experimental, cuja consistência está na elaboração de hipóteses que buscam estabelecer relações causais entre as variáveis e faz uso principalmente de experimentos que visam identificar se essas relações causais se observam ou não.

Ainda de acordo com a mesma autora, a psicolinguística tem como objeto de investigação os processos cognitivos subjacentes a

atividades de produção e compreensão da linguagem, tanto no que tange ao estudo do processamento adulto quanto às pesquisas relativas à aquisição da linguagem e aos casos de perda e de déficit de ordem linguística.

A fim de exemplificar a variedade de termos, Vosgerdau e Romanowski (2014), ao fazerem um levantamento na base de periódicos nacionais e internacionais da CAPES, encontraram diferentes tipos de estudos que realizam revisões de literatura e produções científicas com as mais diversas denominações como, por exemplo: levantamento bibliográfico, revisão de literatura, revisão bibliográfica, estado da arte, revisão narrativa, estudo bibliométrico, revisão sistemática, revisão integrativa, meta-análise, metassummarização e síntese de evidências qualitativas.

É possível perceber que nessa diversidade de termos, cujo objetivo é caracterizar os estudos que realizam revisões, alguns questionamentos ocorrem sobre a relação existente entre eles: o que os distingue uns dos outros? Como descrevê-los metodologicamente?

Parece que uma *meta epi metodologia* ocorre a partir desse emaranhamento de conceitos a respeito do termo **revisões**. Ou seja pesquisas são realizados a fim de **estudar** as diversas nomenclaturas bibliográficas.

Se podemos quantificar, essa pesquisa, como todas as outras, é permeada pela revisão da literatura. A revisão de literatura ou revisão bibliográfica possui então dois propósitos: a construção de uma contextualização para o problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa (ALVES-MAZZOTTI, 2002 *apud* VOSGERDAU; ROMANOWSKI, 2014).

Porém, o trabalho é acrescido da busca, descrição e reflexão das publicações a respeito de grupos terapêuticos fonoaudiológicos, nos quais apareçam casos de alterações de linguagem. Para isso, os critérios a serem utilizados, além das palavras-chave, que serão mencionadas a seguir, serão: data de publicação desses trabalhos (últimos dez anos), que estejam lançados nacionalmente e situados em banco de dados teses e dissertação da CAPES bem como os artigos científicos da SCIELO. De acordo com Gil (2012), os artigos científicos representam, nos tempos atuais, uma das mais importantes fontes bibliográficas.

Os descritores escolhidos para pesquisa são: alterações de linguagem, grupo terapêutico fonoaudiológico, familiares e crianças. O tipo de leitura a ser realizado nesses documentos será a leitura exploratória para coleta de dados e a leitura interpretativa para reflexão

dos dados. O foco da primeira será nas metodologias de pesquisa, além da reflexão e constatação das teorias por qual estão pautadas. A leitura interpretativa permitirá a dissertação crítica e reflexiva frente aos dados obtidos.

4.2 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DO ESCOPO DO ESTADO DA ARTE

A citação a seguir refere-se ao estudo do tipo estado da arte, no qual a construção de um trabalho pluralizado e contextualizado pode se constituir em um “estado da arte”.

Diz assim:

Nos últimos quinze anos, no Brasil e em outros países, tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento. Definidas como de **caráter bibliográfico**, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares... (FERREIRA, 2002, p.257, grifo nosso)

Outra citação pertinente afirma que “um estado do conhecimento não se restringe a identificar a produção, mas analisá-la, categorizá-la e revelar os múltiplos enfoques e perspectivas” (VOSGERDAU; ROMANOWSKI, 2014, p.172).

Prosseguindo, as palavras de Nóbrega-Therrien e Therrien, (2004) *apud* Vosgerdau e Romanowski (2014, p. 172) referem que a finalidade desse estudo do estado da arte é “[...] delimitar, clarificar e caracterizar o objeto de estudo, realizado por meio de **levantamento bibliográfico** seletivo, restrito aos estudos e parâmetros próximos às especificidades do interesse do pesquisador”.

Em 1987 foram iniciadas as produções caracterizadas como um conjunto significativo de pesquisas, denominadas estado da arte ou estado do conhecimento. Definidas por terem um **caráter bibliográfico**,

[...] elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos...também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado” (FERREIRA, 2002, p. 258).

Ainda de acordo com Ferreira (2002) existem alguns exemplos desse tipo de trabalho no Brasil, a saber: *Alfabetização no Brasil - o estado do conhecimento* (SOARES, 1989); *Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática: o caso da produção científica em cursos de pós-graduação* (FIORENTINI, 1994); *Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental* (MEGID, 1999); *Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos e dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, 1980 a 1995* (FERREIRA, 1999) e ainda *O estado da arte sobre formação de professores nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, 1990 a 1996* (ANDRÉ & ROMANOWSKI) e *Estado da arte sobre a formação de professores nos trabalhos apresentados no GT 8 da ANPED, 1990 a 1998* (BRZEZINSKI & GARRIDO, 1999).

Destaco que Magda Soares, especialista em produções acadêmicas principalmente voltadas à Linguística Aplicada, organizou os trabalhos relativos à alfabetização no Brasil datados entre 1954 e 1986, utilizando-se do estudo do estado da arte argumentando que essa forma metodológica permite a identificação de lacunas, vieses, duplicidades e controvérsias que os trabalhos podem suscitar (FERREIRA, 2002).

Citando as autoras Vosgerdau e Romonowski (2014) o estado da arte permite que o pesquisador estabeleça relações com produções anteriores, identifique temáticas recorrentes, aponte novas perspectivas,

consolide uma área do conhecimento e constitua orientações de práticas pedagógicas aos que se interessarem pelo tema pesquisado.

A ênfase dada, a respeito da consolidação de uma área do conhecimento, é contextualizada nessa pesquisa pela busca de trabalhos publicados a respeito de grupos terapêuticos fonoaudiológicos nos quais apareçam casos de alterações de linguagem.

É importante salientar que, de acordo com os autores Prodanov e Freitas (2013), a finalidade da pesquisa científica não é apenas um relatório ou uma descrição de fatos levantados empiricamente, mas o desenvolvimento de um caráter interpretativo no que se refere aos dados obtidos. Para tal, é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico, optando por um modelo que sirva de embasamento à interpretação dos significados dos dados e fatos colhidos ou levantados.

Embora esse trabalho não seja de natureza quantitativa, será contabilizado o número total de pesquisas encontradas e selecionadas, bem como serão organizados por um quadro geral (ao fim do trabalho) os seguintes itens: distinção por tese, dissertação ou artigo científico, títulos dos trabalhos, ano de publicação e programa de pós-graduação ao qual estiver vinculado. A descrição da metodologia empregada e averiguação das teorias a partir das quais estiverem pautadas, serão realizadas no decorrer da escrita da dissertação, mais especificamente nos capítulos 4 e 5, de metodologia e seleção dos trabalhos respectivamente, além de sua organização e reflexão.

5 SELEÇÃO, ORGANIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

Abaixo descrevo como essa pesquisa foi efetivada a partir dos bancos de dados online:

BANCO DE DADOS – CAPES

O Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) é encontrado através do seguinte link: <http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>, que “[...] abrange os trabalhos de pós-graduação (Mestrado e Doutorado) defendidos desde 1987” (VIEIRA, 2014, p. 57). A partir desse site, cliquei no ícone “Banco de Teses”, situado na plataforma, aonde encontrei a seguinte descrição a respeito deste portal:

Objetivo: facilitar o acesso a informações sobre teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país. O Banco de Teses faz parte do Portal de Periódicos da Capes/MEC. Para este trabalho, a CAPES disponibiliza ferramenta de busca e consulta: Resumos. As informações são fornecidas diretamente à CAPES pelos programas de pós-graduação, que se responsabilizam pela veracidade dos dados. A ferramenta permite a pesquisa por autor, título e palavras-chave. O uso das informações da referida base de dados e de seus registros está sujeito às leis de direito autorais vigentes.

Ao clicar no “Portal de Periódicos” descrito acima, o pesquisador encontrará a caixa Esta caixa traz uma opção para pesquisas no Google Acadêmico. Posteriormente, ao optar pelo item “Resumos”, existem duas opções:

A opção pela busca básica. Aqui, o pesquisador poderá livremente escolher qual ou quais palavras irá digitar na coluna em branco, ilustrada abaixo, para atingir sua busca efetivamente e irá para a busca avançada, clicando no ícone ao lado esquerdo da tela, conforme ilustrado no quadro abaixo.



Na opção pela busca avançada, o sistema permite selecionar por categorias como “Todos os Campos”, “Biblioteca”, “Data da Defesa”, “Instituição de Ensino”, “Linha de Pesquisa”, “Nível”, “Orientador”, “Palavras-Chave”, “Programa”, “Resumo” e “Título”.



No item “Contém”, situado na barra ao lado (da esquerda para direita), pode-se escolher por “Exato (é)” ou manter o “Contém” e, em seguida na última barra em branco, o pesquisador, agora situado na última coluna ao lado direito, digita o que for necessário para realizar sua busca. Note que é possível acrescentar ou diminuir as linhas de pesquisa, representado através do símbolo do ‘mais’ e do ‘menos’ situado no canto direito superior da tela.

A constatação feita nesse ponto da pesquisa, é que essa ferramenta é eficiente quando o acadêmico tem em mãos qual ou quais são os trabalhos que precisa pesquisar. Neste caso, previamente algum dado ele tem, o que certamente facilitará seu processo de busca, ou seja, previamente o aluno ou o professor, sabe ao menos o título ou os autores da pesquisa que necessita localizar.

Todavia, no caso da atual pesquisa, a busca pelos trabalhos é ampla e, sendo aberta, delimitada aos critérios seguidos de acordo com os objetivos da dissertação tendo como consequência a dificuldade em ambos os sistemas no quesito localização dos trabalhos. A esta altura, tendo feito então a descrição da fase exploratória, adentro na divisão dos trabalhos encontrados e selecionados.

5.1 BUSCA PELO BANCO DE DADOS DA CAPES

As dissertações e teses selecionadas serão descritas na sequência em que foram encontradas, tendo como destaque seus respectivos títulos. E, a fim de poder diferenciar cada trabalho, enumerei-os abaixo a partir do número 1 sucessivamente até o décimo quarto trabalho. **Esclareço que eles não estão expostos em ordem linear ao longo do texto**, por terem sido localizados em diferentes sítios virtuais bem como por seguirem uma ordem metodológica textual.

Título da Dissertação: *Programa de acompanhamento a pais na intervenção fonoaudiológica em linguagem infantil*

Autora: Bianca Rodrigues Lopes Gonçalves

Orientadora: Simone Aparecida Lopes-Herrera

Pós-graduação da faculdade de odontologia de Bauru, para obtenção do título de mestre em ciências no programa de fonoaudiologia.

Esse trabalho foi encontrado a partir da:

Categoria de Seleção: Busca Avançada

“Todos os campos”- “contém”

Descritores Utilizados: Grupo Terapêutico Fonoaudiológico + Alterações de Linguagem Infantil

Número de Registros: 70 trabalhos

Número de Trabalhos Selecionados: 1 trabalho

FOB- USP

Data: 1/07/2012

Bauru- Biblioteca Depositária

Antes de adentrar a descrição do trabalho em si, gostaria de exemplificar o relato dado no início desse capítulo a respeito da abstração que a palavra “grupos” traz, quando refiro que o sistema de busca não diferencia o que é de fato um grupo reunido e o que são as categorias de grupo de pesquisa; ilustro o título de um dos trabalhos que apareceram nesta mesma sequência:

Monitoramento audiológico em um grupo de crianças com indicadores de risco para a deficiência auditiva, sendo que um dos grupos é o de crianças que passaram pelo teste da orelhinha e outro é o grupo de crianças que passaram pelo exame denominado PEATE (potencial evocado auditivo de tronco encefálico), ou seja, apesar da existência da palavra grupos, a pesquisa é totalmente discrepante a proposta desse trabalho. E como se pode perceber aparecem 70 trabalhos registrados, que após triados um por um, somente 1 pode ser selecionado para compor essa pesquisa. Feito este importante adendo, retomo o trabalho selecionado logo abaixo.

Sobre o trabalho:

O objetivo principal da pesquisa foi o de descrever os efeitos de um programa de acompanhamento a pais concomitantemente à intervenção fonoaudiológica em crianças com atraso no desenvolvimento da linguagem e ou distúrbio específico de linguagem.

A autora tem a concepção de que uma das maneiras de envolver os pais na intervenção fonoaudiológica é justamente através da formação de grupos de familiares. Para isto, foram selecionados dez pais de dez crianças que estivessem em atendimento individual na clínica de fonoaudiologia da faculdade de odontologia de Bauru e que tenham tido o diagnóstico fonoaudiológico por esta mesma instituição.

A faixa etária escolhida apreendeu pais de crianças de dois anos e onze meses a seis anos e onze meses além da sua disponibilidade em estar presente nas dez sessões consecutivas, realizadas semanalmente, com a duração de cinquenta minutos, na própria clínica de fonoaudiologia da faculdade acima referida. Enquanto os filhos eram atendidos individualmente, os pais estavam reunidos no grupo, mediados pela fonoaudióloga responsável pela pesquisa.

A estratégia dela se deu na preparação de uma apostila, conteúdo dez capítulos, sendo que cada tema foi abordado semanalmente nos encontros. Para melhor caracterização de como um grupo terapêutico

fonoaudiológico pode funcionar, descrevo os temas propostos pela fonoaudióloga:

- A importância da participação dos pais e cuidadores na intervenção fonoaudiológica.
- Como os pais podem ajudar na estimulação da comunicação e da linguagem da criança.
- O que são habilidades comunicativas?
- Como acontece a aquisição e o desenvolvimento da linguagem?
- O que é atraso no desenvolvimento da linguagem?
- Como posso ajudar meu filho com atraso no desenvolvimento da linguagem?
- O que é distúrbio específico de linguagem?
- Como posso ajudar meu filho com distúrbio específico de linguagem?
- Como a alteração na linguagem - fala prejudica a vida social, escolar e emocional do meu filho (a)?
- Como foi o grupo de pais?

Além destas questões abordadas e constitutivas do grupo em si, a autora ainda aplicou questionários, inventários e testes tanto aos pais quanto às crianças antes e após a intervenção do grupo.

No decorrer da leitura do trabalho, percebo que em nenhum dos itens (resumo, introdução, material e método e conclusão) aparece a abordagem teórica utilizada durante a pesquisa em si. Mesmo que este importante aspecto não esteja presente, a autora afirma na introdução do trabalho que, apesar da formação de grupos que envolvam famílias seja muito utilizada na área da saúde, em especial por enfermeiros e psicólogos, pouco ainda se é explorado no campo fonoaudiológico, sendo escassos os trabalhos na área, ressaltando-se a escassez nas áreas que envolvem justamente a linguagem infantil.

E ainda, acredita ao final do trabalho que o grupo de acompanhamento a pais permite que eles participem mais ativamente do processo interativo dos filhos, compreendendo a alteração de linguagem que os acomete, além de instrumentalizá-los com atividades que possam ser realizadas em casa a fim de promover a melhora da linguagem de seus filhos, tornando-se parceiros e não meros expectadores do processo interventivo.

O meu olhar sobre essa pesquisa foi positivo no que tange à contribuição de ter sido realizado um grupo na prática e transcrito para a área acadêmica sobre esse tema de fato ainda pouco explorado. Porém,

faltou um posicionamento teórico a respeito, tendo em vista a utilização de testes, protocolos e questionários, que parecem terem sido aleatoriamente utilizados enquanto instrumento para avaliação de grupo de pais. Sobre as crianças a autora refere terem melhorado quantitativamente ao menos no nível de desenvolvimento da linguagem indicado pelo teste aplicado. Este nível de desenvolvimento não é esclarecido tampouco aprofundado. Dificulta a elaboração de uma análise mais profunda a respeito.

O próximo trabalho localizado no site da CAPES, foi a única tese encontrada. Para tal, outra categoria precisou ser utilizada bem como outros descritores.

Título da Tese: *O role-playing game como proposta pedagógica de co-construção de história no contexto da surdez*

Autora: Priscila Starosky

Orientadora: Maria das Graças Dias Pereira

Categoria de Seleção: Busca Básica

Descritores Utilizados: Grupo Terapêutico Fonoaudiológico

Número de Registros: 4

Número de Trabalhos Seleccionados: 2

Data: 1/04/2011

Tese: Doutorado em Letras

Instituição de Ensino: PUC- RJ

Área do Conhecimento: Letras

Linha de Pesquisa: Discurso, práticas cotidianas e profissionais

Descrição da Linha de Pesquisa: Estudo de questões teóricas e metodológicas em L.A, análise do discurso, sociolinguística e pragmática. Abordagem da diversidade linguística e cultural, e da transformação social em contextos de educação, organizações empresariais, saúde.

Observo que esta foi a ÚNICA tese encontrada e selecionada a partir dos critérios de pesquisa.

Sobre a tese:

A fim de elucidá-la, mesmo que a partir de um recorte, a autora longamente disserta a respeito de ser uma pesquisadora artesã, e traz um relato a respeito da narrativa canônica laboviana para, justamente ao

longo do trabalho, posicionar-se a partir do mosaico teórico-metodológico que utiliza para construção do seu objetivo de pesquisa que vem a ser a adaptação - elaboração de um jogo de narrativa (R.P.G) - adequado à faixa etária e às especificidades dos aprendizes surdos.

Mesmo assim, a autora menciona que as características da narrativa oral laboviana podem ser relacionadas às características das narrativas ficcionais, em especial as orais, como no caso do R.P.G.

Porém, o cenário desta pesquisa-ação, está diretamente relacionado a adolescentes surdos, que participam simultaneamente de um atendimento pedagógico em Libras, neste caso considerada a L1, e atendimento fonoaudiológico, que tem por objetivo viabilizar a aquisição do Português, nesse caso a L2. Estes atendimentos estão inseridos num programa de trabalho com crianças, adolescentes e adultos surdos, de abordagem bilíngue, situado no ambulatório de surdez do curso de fonoaudiologia da faculdade de medicina da universidade federal do Rio de Janeiro.

A formação do grupo foi constituída pela participação da pesquisadora em questão, de seu assistente, de quatro adolescentes surdos, da professora surda e da psicóloga intérprete. São três adolescentes do sexo masculino e uma adolescente do sexo feminino, cuja proficiência em Libras todos possuem.

A opção para o cenário do jogo foi a elaboração do ambiente a partir da história em quadrinhos: “Tina e os caçadores de enigmas”. As seis sessões foram filmadas, para posterior microanálise, consideradas pela pesquisadora como filmagens de interações e suas respectivas transcrições, buscando os contextos de aprendizagem e os processos que influenciam os contextos na interação face a face tanto no aspecto verbal quanto não-verbal. As duas primeiras sessões foram realizadas nas salas de atendimento do ambulatório de surdez, três em salas de aula do hospital universitário Clementino Fraga Filho e uma na sala de aula das dependências do ambulatório de fonoaudiologia de campus da praia vermelha.

As etapas de pesquisa foram: a observação atenta da pesquisadora em relação a cada participante do jogo, a elaboração e a criação coletiva do jogo contextualizado e adaptado aos jogadores surdos além de participações em reuniões com a equipe: o assistente de pesquisa e da professora surda. O objetivo foi o de propor ao grupo a criação de um final para a história “Tina e os caçadores de enigmas”.

A pesquisadora encontrou-se individualmente com cada um deles para filmar, recontar a história e, finalmente, para que cada um contasse seu próprio final. E, no fechamento do capítulo teórico-

metodológico, a autora refere que esse estudo foi se constituindo como uma **ação em grupo**, a fim de construir uma proposta que promovesse a transformação de uma realidade específica, dialogando com a metodologia proposta da pesquisa-ação. E ainda, a interação dinâmica entre falantes de duas línguas, mediados por um intérprete, tornou o processo inviável, no sentido da transcrição do conjunto todo e de todas as ações.

Por isso, justifica-se a escolha dos movimentos e momentos a serem editados e transcritos pela pesquisadora, para dar conta do corpus da pesquisa, foram escolhidos os momentos mais significativos das interações no e do grupo. A autora refere, tanto no início quanto ao final de seu trabalho, que o pesquisador artesão em sua tática minuciosa envolveu-se nos conhecimentos sobre o R.P.G, como prática lúdica, sendo coletivamente construída a proposta específica para e no contexto da surdez, contemplando assim o objetivo inicial do trabalho.

Nota-se que, o envolvimento da pesquisadora nesta ação singular e única faz dessa tese um fato inédito e talvez inusitado no tema escolhido, por sua vez muito bem articulado e elaborado teórico-metodologicamente. Só não compreendi, e ela também não justifica, o porquê encontrou-se individualmente com os participantes do grupo, para realizarem o fechamento da história escolhida cuja atuação havia sido executada toda em grupo. As palavras-chave da tese são: pais, família, linguagem infantil.

Título da Dissertação: *Avaliação de linguagem infantil em situação naturalística e contexto grupal*

Autora: Amanda Brait Zerbeto

Orientadora: Cecília Guarnieri Batista

Data: 01.12.2012

Mestrado: Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

Instituição de Ensino: UNICAMP- Campinas

Área do Conhecimento: Saúde e Biológicas

Linha de Pesquisa: Promoção da Saúde e Prevenção

Descrição da Linha de Pesquisa: Prevenção e detecção de alterações e distúrbios da linguagem e de agravos ao desenvolvimento humano decorrentes e/ou associados a deficiências sensoriais, bem como os estudos relacionados à promoção da saúde.

Sobre o trabalho:

O objetivo desse estudo foi o de descrever aspectos e contribuições de uma proposta de avaliação de linguagem em situação naturalística e, em grupo, a partir da abordagem sócio-interacionista de aquisição de linguagem, cuja crença está na concepção de que para construção e conhecimento de mundo, a criança passa necessariamente pela mediação do outro, destacando a relação dialógica entre um e outro.

Participaram do estudo 9 crianças avaliadas em grupos de três participantes cada. Os dois primeiros compostos por crianças com queixas de linguagem, e o terceiro sem. Para cada grupo, três a cinco encontros foram realizados, tendo a duração de trinta a cinquenta minutos. A partir dos dados coletados, relatórios individuais para avaliação da linguagem foram elaborados sendo destacados os aspectos pragmático-discursivos relevantes em casos de crianças com alterações de ordem neurológica e com pouca produção oral.

Cabe ressaltar, que o grupo um e o grupo dois foram compostos por crianças com diversos diagnósticos, anteriores aos sintomas de linguagem como, por exemplo, síndromes genéticas, alterações neurológicas e sequelas de prematuridade. Por outro lado, as crianças do grupo três não deveriam apresentar quaisquer queixas relativas à linguagem, tampouco ter sinais de surdez e questões orgânicas.

O local de atendimento dos dois primeiros grupos se deu no CEPRE (Centro de estudos e pesquisas em reabilitação prof. Dr. Gabriel Porto) sendo que o terceiro grupo ocorreu em uma escola do distrito, cuja diretoria e coordenação pedagógica aceitaram a realização da pesquisa, após reunião com a pesquisadora. Com os pais ou responsáveis pelas crianças foram realizadas entrevistas a fim de coletar dados a respeito da constituição familiar, condições de nascimento, desenvolvimento neuropsicomotor, linguístico e auditivo das crianças.

As sessões grupais foram todas vídeo-gravadas e, posteriormente, editadas e analisadas pela autora da pesquisa, tendo assistido repetidamente as filmagens para ser certa em suas análises e seleção dos trechos de cada sessão. É interessante a descrição da autora ao referir que, devido à grande produção de linguagem oral pelas crianças do grupo três (crianças que não apresentam alterações de linguagem), o processo de seleção foi mais trabalhoso. Ela mencionou ainda que, ao final do processo, a linguagem oral utilizada para interagir com o grupo manteve os diálogos e as interações, o que possibilitou a criação de vínculo entre a pesquisadora e as crianças e entre as próprias crianças, fazendo com que se sentissem mais à vontade no ambiente social, produzindo uma linguagem mais próxima aos contextos naturais de aquisição da linguagem.

Concordo com a pesquisadora, que uma avaliação mais completa como a realizada na pesquisa tende a identificar as habilidades linguísticas da criança ao invés de rapidamente rotulá-la, reduzindo os riscos de patologizações muitas vezes desnecessárias.

Acredito que pesquisas desta natureza ainda faltam no meio fonoaudiológico, por meio do qual vivências contextualizadas são levadas em consideração, em especial ao se tratar de grupos terapêuticos fonoaudiológicos. E, para finalizar, relacionando a metodologia do trabalho à sua concepção teórica, a avaliação da linguagem em contexto grupal contemplou os aspectos referentes à teoria sócio-interacionista de linguagem. As palavras-chave do trabalho são: avaliação, linguagem infantil, situação naturalística e fonoaudiologia.

A título de demonstração ao leitor, exemplifico outros dois trabalhos encontrados. Respectivamente o quarto encontra-se nos critérios desse trabalho e será descrito na sequência; porém o quinto está alhures e por esse mesmo motivo, o ilustro somente através do título, até para que o leitor possa perceber que, mesmo utilizando os descritores selecionados, trabalhos completamente diferentes ao que se esperava surgiram no decorrer dessa pesquisa.

Para fins de ilustração somente, conforme já descrito acima:

Título da Dissertação: *Comparação dos exercícios ativos e da drenagem linfática manual nas complicações físicas e compensações linfáticas no pós-operatório de câncer de mama*

Título da Dissertação: *Habilidades auditivas e de linguagem em um grupo de crianças deficientes auditivas com diagnóstico e intervenção precoce*

Autora: Helen Kopper

Orientadora: Doris Ruthi Lewis

Trabalho encontrado a partir da:

Categoria de Seleção: Busca Avançada

“Todos os campos”- alterações de linguagem

“Todos os campos”- crianças

“Título”- grupo terapêutico fonoaudiológico

Descritores Utilizados: alterações de linguagem, crianças, grupo terapêutico fonoaudiológico

Número de Registros: 01 trabalhos

Número de Trabalhos Selecionados: 1 trabalho

Data: 01.10.2011

Mestrado Acadêmico em Fonoaudiologia

Instituição de Ensino: PUC- São Paulo

Área do Conhecimento: Fonoaudiologia

Linha de Pesquisa: Fonoaudiologia e os processos de linguagem

Descrição da Linha de Pesquisa: Não encontrado

Sobre o trabalho:

Ao adentrar de fato na leitura da dissertação, me dou conta que o trabalho está dividindo abstratamente as crianças em dois grupos. Não existiu de fato o encontro destas crianças, mas a divisão para efeito de pesquisa. Optei em deixar este trabalho para exemplificar mais uma vez a dificuldade em localizar e selecionar as pesquisas que, de fato, refiram-se aos grupos fonoaudiológicos que tratem de questões relacionadas à linguagem. Para constatar, os dois grupos da pesquisa foram: Grupo 1: cinco crianças com diagnóstico audiológico para deficiência auditiva até um ano de idade e Grupo 2: composto por crianças com diagnóstico após um ano de idade.

5.2 BUSCA PELO BANCO DE DADOS DA SCIELO E DO CEFAC

Pela dificuldade em localizar os trabalhos tanto pelo site da CAPES quanto pelo site da *SciELO*, optei por averiguar também no banco de dados eletrônico do CEFAC (Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica). Ao conferir e pesquisar o site deparei-me com a seguinte afirmação:

“Informamos que a partir de 2011 a revista CEFAC passou a ser publicada exclusivamente online com acesso aberto pela *SciELO*”. Ou seja, a base de dados da *SciELO* abrange e abarca inúmeros trabalhos, publicados em diversas revistas e periódicos. De fato, é como se fosse um vasto arquivo eletrônico e universal. E, a respeito do histórico da *Revista do CEFAC*, está descrito que:

O CEFAC também edita uma Revista Científica, classificada como B1 (www.revistacefac.com.br) e, a partir de 2010, iniciou a publicação bimensal, como tem sido recomendado pelos órgãos indexadores. Atualmente cada volume da revista contém cerca de 20 artigos, na sua grande maioria artigos originais. Desde o primeiro número da

revista, em 1999, até agosto de 2010, foram publicados 685 artigos. A Revista recebe e publica artigos não só do Brasil, aceitando artigos escritos em português, espanhol e inglês. A Revista está indexada no Lilacs; Scielo; Latindex; GALE e EBSCO, estando em avaliação no MedLine; ISI e Scopus. A Revista CEFAC foi a primeira revista da área da Fonoaudiologia disponível eletronicamente com acesso gratuito a todos os seus artigos na íntegra e, de maio a setembro de 2010, ocorreram 13.941 visitas ao seu site”. (p. 1)

Dito isso, foram encontrados então oito trabalhos a partir de um único descritor: **grupo terapêutico fonoaudiológico**. Todos os outros descritores geraram resultados negativos. A informação no campo de ocorrência é de “nenhum registro encontrado”. Descrevo a seguir os trabalhos e na sequência notifico quais deles serão selecionados a fim de serem analisados, a partir dos critérios dessa pesquisa. Os artigos estão listados por letras, a fim de diferenciá-los uns dos outros.

A) IDERIHA, P. N.; LIMONGI, S. C. O. Avaliação eletromiográfica da sucção em bebês com síndrome de Down. **Rev. soc. bras. fonoaudiologia**, v.12, n. 03, p. 174-183, 2007.

B) STEFANINI, M. R.; OLIVEIRA, B. V.; MARCELINO, F.C.; MAXIMINO, L.P. Desempenho em consciência fonológica por crianças com transtorno fonológico: comparação de dois instrumentos. **Rev. CEFAC**, v. 15, n. 05, p. 1227-1235, 2013.

C) RIBEIRO, V.; PANHOCA, I.; DASSIE-LEITE, A. P.; BAGAROLLO, M. F. Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura. **Rev. CEFAC**, v. 14, n. 03, p. 544-552, 2012.

D) MACHADO, M. L. C. A., BERBERIAN, A. P., SANTANA, A. P. Linguagem escrita e subjetividade: implicações do trabalho grupal. **Rev. CEFAC**, v.11, n. 04, p. 713-719, 2009.

E) SILVA, L. M. P., AURELIANO, F. T. S.; MOTTA, A. R. Atuação fonoaudiológica na síndrome da apnéia e hipopnéia obstrutiva do sono: relato de caso. **Rev. CEFAC**, v. 09, n. 04, p. 490-496, 2007.

F) LEITE, G. A. MONTEIRO, M. I. B. A construção da identidade de sujeitos deficientes no grupo terapêutico-fonoaudiológico. **Rev. bras. educ. espec.**, v. 14, n. 02, p. 189-200, 2008.

G) FREITAS, A. P. CASTRO, G. S. A constituição de processos dialógicos em um grupo de jovens com deficiência mental. **Rev. bras. educ. espec.**, v.12, n.1, p. 49-64, 2006.

H) FERNANDES, F. D. Fonoaudiologia e autismo: resultado de três diferentes modelos de terapia de linguagem. **Pró-Fono R. Atual. Cient**, Dez 2008, v. 20, n. 04, p. 267-272, 2008.

Destes 8 trabalhos, serão descritos os da letra C e F. O trabalho listado pela letra G será descrito no próximo item deste capítulo, pois, coincidentemente, encontra-se na seleção dos artigos utilizados no trabalho de Ribeiro et.al (2012), cuja reflexão se dará subsequentemente. Desse modo, o artigo intitulado *Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura*, que ora é localizado pelo link do CEFAC-SciELO, é um dos principais achados para essa pesquisa, tendo em vista que quatorze artigos mencionados por Ribeiro et al serão destrinchados mais a frente, conforme explicitarei previamente. Outro fator relevante de análise é que, em algum momento, inevitavelmente, os trabalhos começarão a se intercruzar.

Os outros trabalhos enumerados estão a título de ilustração ao leitor e serão excluídos das análises por não estarem nos critérios de seleção. Destaco que o item **D** também está fora por se tratar de trabalho

referente à pesquisa com linguagem escrita uma vez que essa dissertação visa os grupos relacionados exclusivamente às questões da linguagem oral.

Considero a busca, o encontro e a seleção das pesquisas - com a permissão do uso de duas metáforas - uma quimera e uma colcha de retalhos. Pois, ao pesquisar no Google Acadêmico, conforme já mencionei, encontrei cinco trabalhos de Iniciação Científica que, apesar de não estarem descritos na metodologia inicial do trabalho, serão utilizados como forma de acréscimo tanto quantitativamente quanto qualitativamente.

Cabe destacar também que, ao entrar em contato com os autores dos trabalhos a fim de conseguir maiores informações a respeito como, por exemplo, ano e local de publicação, uma das professoras autoras me enviou como sugestão para a pesquisa um artigo cuja autoria se estabeleceu em conjunto com outras duas pesquisadoras. É interessante perceber que o trabalho foi publicado pela revista online do CEFAC e mesmo estando articulado ao SciELO, vale ressaltar que não apareceu como ocorrência nos momentos em que repetidamente realizei as buscas. Mesmo assim, segue o trabalho:

I)Carvalho, N.G.; Chun, R. Y. S.; Montilha, R. C. I. Processos grupais com familiares: percepção de graduandos de fonoaudiologia. **Rev. CEFAC**, v. 17, n. 04, p. 1079- 1089, 2015.

Enfatizo que a numeração se dará unicamente nos trabalhos que serão de fato descritos e promovidos de reflexão. Portanto, na sequência, a próxima pesquisa é a de número 4. Ressalto, que os trabalhos no qual aparecem somente o título seguidos de uma breve e curta descrição, não serão contabilizados por estarem fora dos critérios de seleção desta pesquisa.

Após os esclarecimentos, começamos então:

4- **Título do artigo:** *Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura.*

Autoras: Vanessa Veis Ribeiro, Ivone Panhoca, Ana Paula Dassisteleite, Maria Fernanda Bagarollo

Descritores: processos grupais, fonoaudiologia, fonoterapia, prática de grupo, terapêutica

Ano: 2012

Sobre o trabalho:

O objetivo do artigo foi o de realizar a revisão sistemática de pesquisas vindas das áreas da fonoaudiologia que tiveram o envolvimento de abordagens grupais em todo país, que tenham sido publicados nos bancos SciELO e LILACS entre 2005 e 2010. No início do artigo, as autoras se referem a um importante aspecto no qual estou de acordo. Dizem que muitos profissionais não sabem justificar o porquê de realizarem atividades em grupo acarretando certas dúvidas a respeito da efetividade dos encontros. Acabam, por muitas vezes, unindo pessoas em torno de um mesmo lugar, para acabar com as exaustivas demandas de atendimento.

Por outro lado, os profissionais que se respaldam teoricamente e tem consciência de seu papel no grupo consideram este tipo de terapia muito valioso, justamente por proporcionar a construção conjunta de conhecimento e trocas por entre os sujeitos, tornando-os cúmplices dessa ferramenta de intervenção fonoaudiológica. Alguns profissionais se filiam a teorias interacionistas, sócio-interacionistas, histórico-cultural e à psicologia positivista. Há ainda aqueles que se utilizam de técnicas, sem respaldos teóricos.

Ao longo da pesquisa sistemática, foram encontrados quarenta e cinco artigos sobre o tema e foram excluídos dezessete, restando vinte e oito trabalhos para análise. Dos vinte e oito artigos, quatorze se referem à área da linguagem, tema que é de maior relevância no trabalho ao qual proponho seguir. Por esse mesmo motivo, busquei estes quatorze trabalhos, para descrição e análise, deixando em destaque um item exclusivo para eles.

No artigo de Ribeiro et al (2012), a quantidade de artigos publicados por ano na área da linguagem foram respectivamente: seis em 2005, quatro em 2006, um em 2007, um em 2008, um em 2009 e um em 2010. Nota-se que eles decresceram ao longo dos anos e, paradoxalmente, a maioria é composta de grupos de adultos, seguidos por crianças e por fim, familiares. Em relação à grupo de pais e familiares, os números foram os seguintes: três em 2005, zero em 2006, um em 2007, zero em 2008, zero em 2009 e zero em 2010. Ou seja, o

número de trabalhos referentes à grupo de familiares ao longo de cinco anos se resume a quatro publicações.

É paradoxal o resultado tendo em vista que o aconselhamento familiar é um dos pontos principais da evolução terapêutica, além do fato de que muitos pais, familiares e cuidadores apresentam dificuldades em lidar com as alterações de linguagem acometidas por crianças e adultos em geral. Os trabalhos sobre linguagem deveriam ser mais valorizados nesse sentido, uma vez que a linguagem faz parte da cadeia comunicativa que nos constitui e nos conecta ao outro, seja num momento de interação em grupo, seja na terapia individual de cada um, seja no cotidiano e no ambiente ao qual vivemos.

Ao final do artigo, as autoras consideram que novos estudos sobre as práticas grupais devam ser ampliados no meio, bem como outros trabalhos de revisão devam assumir critérios de análise metodológica, estratégias de atuação e demonstração de resultados nos processos terapêuticos grupais. Reforço que a pesquisa tratada aqui, evidencia e tende a contemplar a sugestão das colegas que foram muito assertivas em seu trabalho de revisão sistemática a respeito do tema.

5- Título do artigo: *A construção da identidade de sujeitos deficientes no grupo terapêutico-fonoaudiológico*

Autoras: Gabriela Almeida Leite; Maria Inês Bacellar Monteiro

Descritores: constituição da subjetividade, deficiência mental, grupo de jovens, educação especial.

Ano: 2008

Sobre o trabalho:

O objetivo do trabalho foi refletir sobre a formação da identidade de jovens deficientes mentais que participavam de atendimento fonoaudiológico realizado em grupo. O material analisado na pesquisa fez parte de um banco de dados formado a partir de dois anos de filmagens das interações dos jovens deficientes no grupo terapêutico fonoaudiológico em uma clínica escola, cuja divisão é feita por setores, incluindo as áreas de linguagem, voz, surdez e neurologia. Além disso, a clínica oferece serviços de otorrinolaringologia, neurologia e audiolgia.

O estudo foi composto por seis jovens, de idade entre dezesseis e vinte e sete anos, que na época eram atendidos em grupo, semanalmente, por duas estagiárias do curso de fonoaudiologia. Ao ser

realizado este recorte de pesquisa cabe destacar que os pacientes em questão formavam o grupo há um ano.

As estagiárias tinham o objetivo de propiciar atividades interativas em diferentes situações discursivas favorecendo a diminuição de tensões emocionais, partilhando experiências, valorizando o interesse de um pelo outro, mas principalmente colocando sob pano de fundo o papel da linguagem no processo de construção da imagem que o sujeito faz de si mesmo. Os dados analisados no estudo referem-se às imagens realizadas no período de dois anos tendo sido literalmente transcritas e reconstruídas dialogicamente, descrevendo os sujeitos e os eventos ocorridos.

As análises foram feitas numa concepção histórico-cultural baseada nas perspectivas de Vygotsky e Bakhtin. As autoras relatam que para se conseguir obter as mudanças necessárias e transformar a imagem que os sujeitos deficientes mentais têm de si mesmos são necessárias ações que incidam sobre aqueles que os rodeiam, seja no papel fundamental exercido pela família, seja no grupo de amigos e na escola. Este processo pode ser lento e difícil. A respeito de um dos recortes, gostaria de pontuar que se trata de uma atitude linguística de umas das estagiárias ao perguntar em uma das sessões a um dos pacientes de vinte anos de idade do que ele gosta de brincar. Os diálogos então se engatam em torno do brincar, como se fossem crianças pequenas.

Essa fala, mesmo que seja inconsciente, demonstra uma posição infantil que a própria terapeuta traz em cena, a partir de um discurso que caracteriza os participantes do grupo como infantis. É preciso ter muita cautela ao realizar atendimento fonoaudiológico através do grupo terapêutico, pois surgem espontaneamente dados subjetivos de linguagem e recortes das histórias de vida de cada um.

Neste caso, está tentando-se relacionar à imagem que os jovens com deficiência mental fazem e têm de si mesmos respectivamente à melhora de seu desenvolvimento na linguagem. Portanto, o mediador nesta arena deve estar precavido e esclarecido sobre seu papel mediante os membros do grupo no qual trabalha por se tratar de momentos muito significantes e marcantes aos sujeitos que ali estão.

6 - Título do artigo: *Processos grupais com familiares: percepção de graduandos de fonoaudiologia*

Autoras: Nádia Giulian de Carvalho; Regina Yu Shon Chun; Rita de Cássia Montilha

Descritores: Atividades humanas, Relações profissional-família, Saúde de grupos específicos, Linguagem

Ano: 2015

Sobre o trabalho:

Os objetivos desse artigo são verificar a percepção de graduandos de fonoaudiologia quanto à condução de grupo de familiares bem como analisar o processo de escolha e de repercussão do grupo no processo terapêutico.

Afirmam logo ao início do trabalho que, apesar de os grupos terapêuticos fonoaudiológicos ainda serem uma prática com pouca descrição na literatura e, observando-se um número restrito de publicações, principalmente ao envolver grupos de familiares, mesmo e ainda assim estes grupos oferecem uma rede de suporte social que favorece o diálogo e a reflexão, pois no grupo há possibilidade do jogo interacional entre os participantes para além da exclusiva relação entre paciente e terapeuta.

Este artigo foi escrito a partir da pesquisa intitulada *Intervenção fonoaudiológica em grupo de familiares de crianças com alterações de linguagem*. Trata-se de um estudo de corte transversal e qualitativo, cuja amostra é composta por dezenove alunos de graduação de fonoaudiologia da Unicamp que foram alunos regulares do quarto ano de graduação e por terem conduzido grupos de familiares de crianças com alterações de linguagem.

Para coleta de dados foram divididos em três grupos: dois grupos de seis graduandos cada e um grupo de sete alunos, conduzidos por duas docentes e observados pela pesquisadora em questão. Foi realizado um encontro com cada grupo tendo a duração de 60 minutos em média. Para verificar como os alunos lidam com a questão de grupos terapêuticos fonoaudiológicos voltados para familiares foram feitas algumas questões norteadoras, especificadas a seguir: como eles avaliam a escolha das atividades desenvolvidas nos grupos de familiares que conduziram; como avaliam este processo em sua formação enquanto fonoaudiólogos.

Também foi solicitado que falassem um pouco sobre o papel de condução do grupo e ainda sobre o processo de escolha das atividades a serem desenvolvidas no grupo de pais-familiares. Dos dezenove alunos, oito responderam a respeito do sentimento de medo que tinham inicialmente ao conduzirem os grupos, do receio em não terem as respostas para todas as perguntas, da angústia em lidarem com os momentos de silêncio e, sobretudo, em como lidariam com os choros emotivos, desencadeados pelo próprio processo grupal, no qual os pais

sentem-se integrados e acolhidos num lugar de escuta e atenção para suas questões, muitas vezes, até então, silenciadas.

A partir das gravações, que foram transcritas, estabeleceram-se algumas categorias de análise, a saber: Sentimentos dos graduandos ao conduzirem um grupo de familiares; processo de escolha e condução das atividades; contribuição da escolha e desenvolvimento de atividades na formação como fonoaudiólogos; o papel do estagiário na condução do grupo e a repercussão do grupo no processo terapêutico.

Os alunos destacaram ao final do processo que aos poucos a insegurança se transforma em confiança, em especial ao deixar fluir os encontros, pois muito se discute em grupo, a partir do que os próprios pais trazem naquele momento. Então, às vezes, é preciso ter flexibilidade e escuta terapêutica para a demanda que vem dos participantes. Também destacam a importância de incluir a família no processo terapêutico, já que o sujeito em atendimento individual está permeado e será influenciado pelo meio em que vive.

Perceberam o quão importante é aprender a ouvir e a escutar, muitas vezes mais do que falar. Desta forma, podem instigar os pais, sem levar soluções pré-prontas e definitivas, já que cada família é singular e única em sua história e vivência. Então, tornam-se agentes de mediação, observação e escuta, atentos a linguagem verbal e gestual dos membros do grupo.

As autoras afirmam que esta atividade acadêmica trouxe um amadurecimento dos graduandos, demonstrando mudanças nos sentimentos e posturas diante do grupo como responsabilidade, sensibilidade e afetividade entendendo a complexidade que envolve os cuidados familiares, além da percepção de que não são meras orientações, passadas a eles. Os pais, nesse sentido, sentem-se empoderados e transpassam os muros da clínica, levando para suas casas um olhar diferente aos filhos, escutando-os e dando lugar a eles, talvez antes não ofertado. Os graduandos também ressaltaram a importância dos grupos nos processos terapêuticos das crianças em acompanhamento.

E por fim, o estudo conclui que considerar os familiares por meio dos grupos no processo de aprendizagem aos alunos ainda na graduação contribui para uma formação de atenção integral e humanizada.

Finalizadas as descrições e análises dos trabalhos encontrados e selecionados pela SciELO, passo a seguir aos artigos referentes à área da linguagem, selecionados a partir do estudo já referido no trabalho, intitulado: *Grupos Terapêuticos Fonoaudiológicos: uma revisão sistemática da literatura.*

5.3 DESCRIÇÃO E REFLEXÃO DOS TRABALHOS SELECIONADOS POR RIBEIRO ET.AL (2012)

Antes de iniciar a escrita referente aos artigos efetivamente, esclareço que dos quatorze artigos a respeito de **linguagem**, mencionados na pesquisa feita por Ribeiro et.al (2012), foram selecionados seis para serem estudados nesse trabalho. Todos foram lidos na íntegra.

São eles na sequência enumerados conforme descrito anteriormente:

7. Título do trabalho: *Grupalidade e família na clínica fonoaudiológica: deixando emergir a subjetividade*

Autoras: Regina Zanella Penteadó, Ivone Panhoca, Denise Siqueira, Fernanda Flore Romano, Patrícia Lopes.

Descritores: linguagem, gêmeos, grupos, subjetividade, família

Ano: 2005

Sobre o trabalho:

O objetivo do artigo é focalizar as questões de família e de grupalidade no processo em acompanhar um sujeito gêmeo com alteração de linguagem. Para a pesquisa, o acompanhamento foi realizado durante o primeiro semestre de 2002, semanalmente, em uma clínica-escola de um curso de fonoaudiologia.

Por sua vez, essa clínica-escola oferece para além dos atendimentos grupais aos sujeitos com queixas fonoaudiológicas, um grupo de familiares formado em sua maioria por mães, alguns pais e, eventualmente, irmãos, tios ou avós. A mãe do sujeito da pesquisa participou do grupo de familiares coordenado por duas estagiárias de fonoaudiologia.

Os dados utilizados na análise foram obtidos por observação, registros e anotações pessoais das autoras bem como através do relatório referente ao período de atendimento quando as autoras desse trabalho, que são docentes-supervisoras do estágio, fizeram parte da pesquisa juntamente a terapeutas-estagiárias que estiveram direta ou indiretamente envolvidas no processo de acompanhamento ao sujeito em questão.

As autoras ressaltam que, no grupo de familiares, o discurso da mãe reafirma somente as semelhanças entre os irmãos gêmeos, sem conseguir distinguir seus lugares singularmente.

O entendimento do que o paciente, em atendimento no grupo fonoaudiológico, dizia muitas vezes era de difícil compreensão, tendo em vista uma fala pouco articulada, modulação restrita, ininteligível por vezes exigindo de seu interlocutor atenção e esforço redobrados para compreendê-lo. As estagiárias relatam pouco envolvimento do menino, um adolescente de treze anos na época, deixando para seus dois outros colegas de grupo (também irmãos de gêmeos) a responsabilidade na participação efetiva nos encontros grupais.

Pelo relato do artigo pode-se perceber que sua mãe o superprotegia, escolhia suas roupas e as deixava sobre a cama para que, ao sair do banho, pudesse vesti-las, por exemplo. Por ter nascido pré-termo e com dificuldades no processo de desenvolvimento, a mãe pode ter criado um sentimento de medo e insegurança, motivo para tanto zelo e superproteção, chegando a ser prejudicial para criança. Muito ele silenciou no grupo e respondia várias vezes que não sabia ou que teria esquecido a resposta nos encontros até que, ao longo do semestre, ele começou a se posicionar e se interessar nos contextos de interação e comunicação.

As notícias acerca das reações e de seu envolvimento no grupo eram levadas até a mãe quando ela, participante do grupo de familiares, pode identificar e diferenciar seus filhos, auxiliando então no desenvolvimento da subjetividade e concomitantemente à linguagem de seu filho, deixando-o mais autônomo e confiante a se expressar. As pesquisadoras afirmam que fica confirmado na atuação fonoaudiológica a importância das propostas de grupos terapêuticos bem como a necessidade das propostas de grupo de familiares.

Destaco e corroboro com as autoras, ao longo do meu trabalho, quando discorro sobre especificidades a respeito de grupos terapêuticos fonoaudiológicos, afinando-os em grupos de familiares e grupos de crianças, ambos considerando as alterações de linguagem.

Para finalizar, o estudo muito bem elaborado e descrito nesse artigo traz três questões relevantes para área: grupo terapêutico fonoaudiológico (nesse caso, composto por três crianças gêmeas com alteração de linguagem) e grupo de familiares. O terceiro ponto, é que as professoras e estagiárias criaram na clínica-escola uma relação estreita entre os dois grupos, fazendo ressoar ecos positivos tanto dentro desse recinto quanto fora dele, consolidando as crianças e os familiares como agentes construtores das relações para além dos muros exclusivamente terapêuticos.

Aqui a palavra “terapêuticos” toma diferentes formas e funções sendo possível atribuí-la e interpretá-la de acordo com as benfeitorias

que possibilita aos sujeitos. Por exemplo, defendo a ideologia de que os grupos fonoaudiológicos, para além de serem de convivência e operativos (conforme alguns dos trabalhos analisados até aqui nominaram) podem ser considerados terapêuticos.

8. Título do trabalho: *Interações dialógicas de familiares de sujeitos com deficiência mental: algumas reflexões*

Autoras: Maria Inês Bacellar Monteiro, Evani Andreatta Amaral Camargo, Ana Paula de Freitas, Maria Fernanda Bagarollo

Descritores: família, deficiência mental, linguagem

Ano: 2005

Sobre o trabalho:

O objetivo do artigo é identificar como o processo de interlocução ocorrido no grupo familiar (re)constrói sentidos e concepções sobre o sujeito com deficiência mental. Metodologicamente fundamentou-se na análise microgenética, inserida na matriz histórico-cultural e semiótica dos processos humanos. Foram analisados episódios das gravações que focalizaram as relações intersubjetivas e as concepções dos familiares sobre os sujeitos deficientes.

Na introdução do trabalho, as autoras destacam que, apesar de a fonoaudiologia trabalhar com crianças e jovens que apresentam alterações de linguagem, bem como suas famílias, os estudos realizados sobre essa prática clínica ainda se mostram escassos e merecem ser aprofundados devido aos importantes impactos que têm na vida dos sujeitos. Raramente, a intervenção com os pais e familiares passa das orientações básicas iniciais de qualquer atendimento.

Para a construção dos dados foram selecionados trechos de interlocuções ocorridas em encontros de pais e irmãos de sujeitos deficientes mentais atendidos em uma clínica-escola de fonoaudiologia. A ênfase dada aos trechos escolhidos para análise se dá na intersubjetividade e no funcionamento enunciativo-discursivo dos sujeitos.

Nos resultados do artigo, as autoras se referem à concepção de uma imaturidade e dificuldade em relação à independência e autonomia do filho com deficiência mental, pois identificam no discurso dos pais uma dificuldade em perceberem aquilo que seu filho é capaz de realizar sozinho. É posto pelas pesquisadoras que a subjetividade decorre das relações intersubjetivas que vão se estabelecendo na história de vida de casa sujeito, em especial no grupo social do qual fazem parte.

Com esse trabalho, elas perceberam que os familiares são influenciados de acordo com o olhar e a posição dos grupos sociais que convivem entre si e com as pessoas que os rodeiam. Se, por exemplo, uma criança com deficiência mental se joga nos corredores de um supermercado e logo a mãe justifica para a pessoa ao lado que, por sua vez, não tira os olhos da criança “birrenta”, dizendo que a criança apresenta um problema, possivelmente, frente à explicação da mãe da criança, a pessoa pode extinguir seus julgamentos e adotar uma postura de pena frente ao quadro.

Com o grupo concluiu-se que não existem espaços suficientes que proporcionem a circulação de alguns assuntos que muitas vezes precisam ser ditos e desabafados pelas famílias. Esses assuntos, nem sempre são positivos em relação ao familiar que apresenta a deficiência mental. Porém, segundo as autoras, é somente num espaço aberto e de confiança que os dizeres podem ser (re) estabelecidos e significados, proporcionando assim melhor entrelaçamento entre família, grupo e sociedade.

9. Título do trabalho: *O acolhimento da gestualidade na terapia de linguagem: reflexões no âmbito da clínica fonoaudiológica*

Autoras: Juliana Zia, Ivone Panhoca, Maria de Lurdes Zanolli

Descritores: gestos, transtornos do desenvolvimento da linguagem, grupo terapêutico.

Ano: 2005

Sobre o trabalho:

O objetivo do estudo foi analisar a gestualidade de uma criança com atraso de linguagem nas relações sociolinguísticas estabelecidas no contexto da terapia fonoaudiológica em grupo. O sujeito eleito para análise é uma criança de seis anos, do sexo masculino, temporão de cinco filhos. Verbaliza pouco, apresentando grande comprometimento linguístico.

O grupo foi composto por cinco crianças, com idade entre cinco e oito anos, todos com hipótese diagnóstica de atraso de linguagem. Teve a durabilidade de oito meses, em encontros semanais de uma hora e meia, totalizando vinte e três sessões terapêuticas, cujas filmagens foram transcritas literalmente para fala das crianças e ortograficamente para fala da terapeuta. Também foram redigidos relatórios de campo.

A estratégia terapêutica baseou-se em contar e recontar histórias infantis, através das seguintes atividades: (re) contagem oral de

histórias, desenhos, recorte e colagem, modelagens e dramatizações, todas voltadas ao tema central das histórias contadas inicialmente.

A abordagem qualitativa do estudo enquadra-se no modo de se fazer pensar o conhecimento científico. Foi necessário compreender o processo linguístico da criança eleita para o estudo contextualizado pela terapia fonoaudiológica em grupo.

Para exemplificar o sentido dado aos gestos de umas das crianças, a terapeuta marca durante a cena de interação com ela a linguagem oral, suas gestualidades, quando esta tenta contar a terapeuta, por exemplo, que ele havia batido a cabeça. Nesse sentido, a terapeuta foi atribuindo sentido aos gestos dele, trazendo-o mais perto da linguagem, fazendo o contato visual, expressivo, gestual e verbal pouco a pouco. As autoras concluem que, na perspectiva teórica adotada por elas, o gesto foi considerado parte da esfera simbólica, um artifício tomado pela criança como uma das formas de se fazer presente no contexto linguístico-interativo.

Ao longo das sessões foi oferecido um lugar para que esse sujeito se constitua na e pela linguagem. A terapia fonoaudiológica grupal favoreceu a criança com atraso de linguagem ao proporcionar a ela, além de momentos dialógicos, representações, construção de textos e narrativas, deixando-o opinar, expressar e interpretar, sentindo-se parte integrante do contexto social e linguístico que o circunda.

Para finalizar, de acordo com a autora, as crianças com alteração de linguagem, precisam fundamentalmente sentir-se participantes ativas dos processos conversacionais, pois, por serem retraídas e pouco falantes, podem ser marginalizadas do processo comunicacional. Este trabalho articula muito bem os significados linguísticos que a mediadora do grupo proporciona aos seus participantes.

Título do trabalho: *A constituição da subjetividade de adolescentes autistas: um olhar para as histórias de vida*

Autoras: Maria Fernanda Bagarollo, Ivone Panhoca

Descritores: educação especial, autismo, adolescência, desenvolvimento humano, linguagem.

Ano: 2010

Sobre o trabalho:

O objetivo do artigo é analisar os processos dialógicos de três adolescentes autistas sobre suas histórias de vida, buscando indícios de experiências que eles vivenciam no cotidiano e de dizeres sociais

impregnados em seus discursos orais. O material empírico foi coletado a partir de **duas sessões fonoaudiológicas individuais**. Ao continuar a leitura do trabalho, concluí que o contexto não é grupal. Apesar de se tratar de um tema interessante, linguagem e autismo, consideradas a partir de suas inter-relações com experiências passadas e futuras, o artigo em questão não pertence aos meus critérios de estudo, apesar de estar citado num artigo cujo foco se deu em grupos terapêuticos fonoaudiológicos. Portanto, descrição e análise descartada.

Título do trabalho: *A deficiência auditiva e a família: sentimentos e expectativas de um grupo de pais de crianças com deficiência da audição*

Autoras: Cibele Cristina Boscolo, Teresa Maria dos Santos

Descritores: deficiência de audição, família, reabilitação

Ano: 2005

Sobre o trabalho:

O objetivo do estudo foi investigar os sentimentos, reações e expectativas dos pais em relação à deficiência auditiva dos filhos. Foram realizadas entrevistas individuais com os dezenove pais, escolhidos aleatoriamente, cujos filhos encontram-se em atendimento fonoaudiológico individual na clínica-escola do curso de fonoaudiologia do centro universitário de Araraquara. Ressalto novamente o caráter NÃO GRUPAL desse trabalho, por isso, me abstenho em prosseguir com maiores descrições, tampouco análise.

Título do trabalho: *Resultados de terapia fonoaudiológica de adolescentes com diagnóstico inserido no espectro autístico*

Autora: Fernanda Dreux

Descritores: transtorno autístico, cognição, transtornos da linguagem, terapia da linguagem, percepção social, relações interpessoais, desenvolvimento da linguagem, testes de linguagem, fonoterapia.

Ano: 2005

Sobre o trabalho:

O objetivo do trabalho é identificar mudanças após um período de seis meses de terapia fonoaudiológica com um grupo de adolescentes e de compará-las com um grupo de crianças. Para tal, foram analisados

dados referentes ao perfil funcional da comunicação e ao desempenho sócio cognitivo de doze adolescentes e crianças.

Também me abstenho aqui de prosseguir com a descrição e análise pelos seguintes motivos: O artigo não foi encontrado na íntegra. E, após tentativas de contato com a autora, a mesma explicou que o artigo não está publicado online e que iria localizar o manuscrito para que fosse enviado. Até a data presente, nada foi recebido, nem os e-mails respondidos.

Deduzo que, mais uma vez, se trata de um aglomerado de sujeitos de pesquisa, não necessariamente reunidos em grupo. Conforme mencionado mais de uma vez nessa dissertação, a palavra grupo nos descritores gera conceitos errôneos pelo sistema, cuja diferenciação é inconcebível fazer. Cabe, aos pesquisadores, lerem os trabalhos encontrados integralmente e triá-los, para então serem considerados analisáveis ou não, a partir obviamente de cada critério selecionado de pesquisa.

10 - Título do trabalho: *O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais*

Autoras: Cristina Feitosa de Lacerda, Ana Claudia Lodi

Descritores: sem descritores

Ano: 2006

Sobre o trabalho:

O estudo pretende analisar o surgimento de eventos narrativos em crianças surdas, filhas de pais ouvintes, que foram tardiamente expostas à língua de sinais e que frequentam um grupo que tem por objetivo propiciar o desenvolvimento da linguagem dessas crianças. O projeto, que abarca grupos terapêuticos fonoaudiológicos, está vinculado à pesquisa intitulada *O papel do instrutor surdo no ensino de língua de sinais para a comunidade surda e familiares usuários da clínica-escola de Fonoaudiologia da UNIMEP*.

As autoras do trabalho são responsáveis por esse projeto de pesquisa, que aqui será descrito a partir de um dos grupos de crianças, filhas de pais ouvintes, mas que não adquiriram a linguagem oral da língua portuguesa e não tinham contato com a língua de sinais brasileira, até entrarem no grupo. Os encontros foram semanais, tinham a duração de uma hora e foram realizados ao longo de três anos.

Contou-se com a mediação fundamental de um instrutor surdo, fluente em LIBRAS, duas estagiárias do curso de fonoaudiologia e eventualmente com a presença das mães que, ao aprenderem melhor a respeito do funcionamento dessa língua, poderiam auxiliar mais eficazmente seus filhos nesse processo.

As autoras remetem ao início do trabalho em que, dentro do grupo de crianças surdas, a língua de sinais emerge espontaneamente como uma necessidade natural entre eles. A análise do processo de narrativa das pesquisadoras fundamenta-se na teoria citada por Perroni (1983, 1996) cujo encontro vai às concepções de Vygotsky e Bakhtin. O instrutor surdo menciona que somente após um ano dos encontros grupais é que as crianças demonstraram certo conforto e segurança no desenvolvimento das narrativas na língua de sinais.

Faço a reflexão de um ponto importante, cujo retrato não aparece no trabalho: frente ao domínio precário de língua de sinais apresentado pelos pais das crianças; essas por sua vez, se viam incapacitadas de lhes contar histórias ou lhes narrar acontecimentos mais complexos e profundos sendo que, ao invés disso, a comunicação estabelecida no meio doméstico era mais funcional (esclarecimento de questões do cotidiano), do que as trocas dialógicas em si. O resultado do trabalho identifica plena inserção das crianças no grupo, interação mútua entre criança-criança, criança-instrutor, evolução de seus processos narrativos e consequente imersão no uso da linguagem.

O contraponto é: aonde estão os pais nesse cenário? Talvez a inserção casual das mães no grupo possa ter favorecido a comunicação familiar com os filhos? Como? Ou serão os resultados do grupo formado pelos familiares (abarcado no mesmo projeto) que contribuiram nesse processo comunicativo? Ressalto que no presente artigo, estas perguntas não se encontram respondidas.

Título do trabalho: *Relação entre aspectos sócio-cognitivos e perfil funcional da comunicação em um grupo de adolescentes do espectro autístico*

Autoras: Carla Cardoso, Fernanda Dreux

Descritores: autismo, pragmática, linguagem

Ano: 2006

Sobre o trabalho:

Após algumas (re) leituras deste artigo, decidi por questões inalisáveis, ao menos para a minha pesquisa, deixar o trabalho fora de contagem. A primeira incoerência é que, inicialmente, trata-se de

adolescentes quando, na metodologia dos supostos grupos, descrevem crianças, em três situações: terapia individual de linguagem, criança em grupo com coordenador e criança em grupo sem coordenador. Os dados básicos não são fornecidos, tampouco os grupos são descritos e contextualizados em termos teórico-metodológicos. Os resultados são meramente numéricos, enumerados por tabelas sem referências explicativas para que o leitor possa compreender de onde vieram e como são comparados. Situo o artigo até aqui a partir dos argumentos anteriores decretando a inviabilidade do mesmo para o contexto da presente pesquisa.

11 - Título do trabalho: *A constituição de processos dialógicos em um grupo de jovens com deficiência mental*

Autoras: Ana Paula de Freitas, Glenda Castro

Descritores: deficiência mental, grupo, diálogo, desenvolvimento de linguagem

Ano: 2006

Sobre o trabalho:

O objetivo do estudo foi analisar as interações dialógicas estabelecidas durante as sessões terapêuticas realizadas com um grupo de jovens com deficiência mental. Teve o intuito também de compreender de que maneira as intervenções terapêuticas podem contribuir para o desenvolvimento da linguagem dos sujeitos. O grupo faz parte do projeto de pesquisa intitulado *Grupo terapêutico fonoaudiológico: constituindo um saber*, desenvolvido por alunos e professores de uma universidade do estado de São Paulo.

Participaram da pesquisa quatro jovens com deficiência mental, entre quinze e vinte quatro anos, que estavam em atendimento fonoaudiológico grupal. A coleta de dados ocorreu por quatro meses, a partir de filmagens e posteriores transcrições. A fonoaudióloga pesquisadora foi a mediadora do grupo e ressalta que a linguagem narrativa oral foi tomada como atividade privilegiada, durante todo trabalho realizado com o grupo de jovens, pois considera a narrativa como esfera de atividade simbólica.

Foram realizadas atividades como: leitura de textos ficcionais e relatos de experiências vividas pelos próprios participantes, que eram instigados a se posicionarem enquanto sujeitos de seu próprio discurso. A mediadora fonoaudióloga pontua e chama atenção dos jovens que, enquanto conversam, devem olhar uns aos outros, mantendo atenção na maior parte do tempo na fala do colega, para que assim incentivem uns

aos outros ao diálogo. A pesquisa também assumiu o pressuposto histórico-cultural.

As análises indicam que a fonoaudióloga tem o papel de propor e mediar ativamente as situações dialógicas no grupo uma vez que, sem o papel desse interlocutor, as situações de interação ficariam impossíveis entre os participantes.

A autora reforça ainda duas questões. A primeira, que o terapeuta de linguagem deve sempre construir as possibilidades discursivas em grupo, levando em consideração a singularidade de cada membro, ao invés das dificuldades. E a segunda, que os jovens com deficiência mental na maioria do tempo estão com seus familiares e com membros das instituições aos quais frequentam (quando frequentam) apresentando sérias limitações sociais, que podem prejudicar e, de certa forma, justificar suas baixas iniciativas para as atividades dialógicas.

Corroboro com a pesquisadora e acredito que estudos dessa natureza devam aumentar estatisticamente e qualitativamente. Percebo durante a minha pesquisa que este tema aparece duas vezes: uma no grupo constituído por familiares de sujeitos com deficiência mental e aqui pelos próprios sujeitos com a deficiência. Entretanto ambos apresentam a mesma importância terapêutica grupal.

Título do trabalho: *Curso para pais de crianças deficientes auditivas: estudo do conhecimento dos pais em um módulo intermediário*

Autoras: Adriane Moret, Vanessa Freitas, Maria Cecília Ferreira, Kátia Alvarenga, Maria Cecília Bevilacqua

Descritores: surdez, orientação, família

Ano: 2007

Sobre o trabalho:

Embora o objetivo do trabalho fosse o de estabelecer o aproveitamento de um grupo de pais, participantes do curso para pais de crianças deficientes auditivas, o trabalho está longe de ser sobre a temática em questão: grupos terapêuticos fonoaudiológicos. O curso foi realizado em quatro diferentes cidades, através de cinco módulos sequenciais e questionários respondidos por cento e quarenta e quatro pais.

Novamente, a palavra grupo entra como divisão didática para possibilitar a execução da pesquisa. Exemplifico um trecho da metodologia quando se afirma que os participantes foram distribuídos em grupos, por escolaridade, sendo: o primeiro grupo de ensino

primário, o segundo grupo, ensino secundário, e o terceiro grupo, ensino superior. E ainda, os resultados apresentados são altamente positivos, uma vez que o curso atingiu a meta de capacitação desses pais. Ou seja, os cursos de formações para pais de crianças deficientes auditivas podem se mostrar eficazes e importantes, entretanto são bastante diferentes do conceito de formações de grupo. Sem mais especificidades para este trabalho.

Para seguir ao último item de pesquisa do capítulo cinco que se refere aos trabalhos localizados no Google Acadêmico informo que os dois últimos trabalhos pontuados em Ribeiro et al (2012), cujo total seria de quatorze trabalhos, não entraram nas descrições por estarem fora dos critérios selecionados para a presente pesquisa. Um deles foi publicado em livro e o outro trata sobre a linguagem escrita, sendo que aqui o foco é dado às questões pertinentes à linguagem oral.

5.4 BUSCA PELOS TRABALHOS SITUADOS NO GOOGLE ACADÊMICO

12 - Título do trabalho: *Atendimento em grupo na fonoaudiologia: feitos e (d)efeitos*

Autora: Manuela Luchesi Brazil Araújo

Descritores: clínica fonoaudiológica, atendimento em grupo, sanção, sintoma, estrutura

Ano: 2010

Sobre o trabalho:

Teve como objetivo buscar uma teorização do processo clínico decorrente da análise dos efeitos terapêuticos dos dizeres do grupo sobre os sintomas de fala do próprio grupo. A pesquisa tem caráter clínico qualitativo, descritivo, fundamentado em conhecimentos advindos da clínica psicanalítica bem como fonoaudiológica. Os sujeitos da pesquisa são pacientes de uma unidade básica de saúde, na cidade de São Paulo, que estão em atendimento fonoaudiológico em grupo.

A fonoaudióloga mediadora é a própria autora da dissertação. Os encontros se realizaram semanalmente, com a duração de quarenta e cinco minutos, podendo ser estendidos ou mesmo encurtados pela mediadora. De caráter aberto, poderia receber novos integrantes a qualquer momento. Foram realizados e filmados quatorze encontros e selecionados dez para análise.

Segundo a autora, os recortes escolhidos foram aqueles em que a circulação dos efeitos das falas dos sujeitos e da fonoaudióloga sobre os sintomas puderam ser observados. As transcrições foram feitas respeitando a forma de falar de cada um. Também os contextos foram registrados e somados às transcrições a respeito das manifestações corporais, gestos, movimento dos olhos, pausas e silêncios.

A pesquisa foi realizada na disciplina intitulada “Supervisão fonoaudiológica nos serviços públicos de saúde I e II”, do curso de fonoaudiologia da PUC-SP em 2008. Essa U.B.S (Unidade Básica de Saúde) teve seu início em 2009 e conta com a equipe do N. A. S. F (Núcleo de Apoio à Saúde da Família) que comparece uma vez por semana para atendimentos à população e reuniões com a equipe, sendo que a pesquisadora do estudo atende no setor de fonoaudiologia.

Um fator um tanto incoerente a meu ver é que, a partir da concepção de clínica sustentada pela autora, esta sugere que os sujeitos sejam agrupados independente da patologia ou da faixa etária, pois afirma que é no decorrer do funcionamento do grupo que o fonoaudiólogo visualizará se o grupo é eficaz ou não e ainda que a demanda dos sujeitos e seus sintomas é o que faz identificarem-se entre si. Ela destacou que a transferência cujo psicanalista trabalha por e com, o fonoaudiólogo trabalhará na e pela. Quanto aos sujeitos da pesquisa, estes foram divididos em dois grupos: um de quatro crianças com idades entre seis e dez anos e outro com três participantes com idades entre dois e três anos. Saliento que eles foram agrupados de acordo com a disponibilidade de horário.

Na descrição da autora sobre o desenvolvimento da linguagem das crianças, estranhei a falta de aprofundamento em outros aspectos da linguagem que não apenas os fonéticos e fonológicos. Também são relevantes, mas, ao tratar de um trabalho que valoriza a subjetividade da fala e as nuances da linguagem, faltou certamente uma avaliação mais completa, que contemplaria as questões simbólicas no uso da linguagem, a prosódia, os turnos de fala, o jogo sintático-semântico, por exemplo.

A autora marca suas conclusões dizendo que os pressupostos teóricos que servem de base ao atendimento em grupo carecem de respostas, assim como os critérios para formações de grupo e a diferenciação dos efeitos do atendimento em grupo dos individuais. Mais à frente destaca compreender que o grupo é formado no decorrer de seu funcionamento e não necessita de critérios para sua formação.

Apesar de se tratar de uma temática relevante para área, percebo em algumas de suas partes, afirmações paradoxais e confusas, que

aparecem repetidamente ao longo do texto. Ou seja, quando o leitor acha que terá a clareza sobre o tema levantado, ao prosseguir a leitura, se perde novamente, sem chegar a conclusões pontuais minimamente necessárias. Parece que a autora tem uma visão muito diferenciada ao descrever a respeito do que acredita ser, como formar e conduzir um grupo terapêutico fonoaudiológico.

Esse foi o único trabalho que se diferenciou das iniciações científicas, sendo do gênero dissertação. Optei utilizá-lo por se encaixar nos critérios da pesquisa.

Na sequência, apresento os trabalhos vinculados às iniciações científicas, cujas apresentações se deram em torno das próprias universidades nas quais foram realizadas as pesquisas. Foram encontrados e lidos cinco trabalhos, porém selecionados três para descrição e análise. Logo, sigo ao último item desse capítulo e encerro a dissertação com as considerações finais.

13. Título do trabalho: *Intervenção fonoaudiológica com familiares de crianças e adolescentes com alterações de linguagem*

Autoras: Renata Moreira, Regina Yu Shon Chun

Descritores: fonoaudiologia, família, linguagem, reabilitação dos transtornos da fala e da linguagem.

Trabalho de iniciação científica (PiBIC) realizado pela faculdade de ciências médicas pela universidade estadual de campinas (Unicamp)

Sobre o trabalho:

O objetivo do trabalho foi o de investigar a atuação com familiares-cuidadores de crianças e adolescentes com alterações de linguagem em acompanhamento fonoaudiológico e sua repercussão no processo terapêutico. Além de caracterizar o perfil sócio-demográfico desses sujeitos e das crianças e adolescentes sob seus cuidados. Segue a abordagem clínico-qualitativa e teve como amostra vinte familiares.

A coleta de dados e as categorias de análise foram realizadas a partir das intervenções com os familiares bem como suas expectativas em relação à intervenção fonoaudiológica, seus sentimentos envolvidos no processo terapêutico e ainda por suas visões na repercussão do processo terapêutico. Irei descrever mais detalhadamente a respeito da intervenção terapêutica com os familiares e a repercussão do processo terapêutico respectivamente.

A partir dos vídeos analisados, os vinte familiares participaram de ao menos um dos grupos ocorridos mensalmente. Sete deles receberam orientações individuais semanalmente, três participaram de grupos quinzenalmente, sendo que sete deles demonstraram interesse em participar de encontros grupais com maior frequência.

Sobre a repercussão, oito familiares pontuaram que através do grupo de pais e de orientações individuais com a terapeuta foram esclarecidas dúvidas que sanaram dificuldades existentes em casa e ainda favoreceram a comunicação escolar, fazendo a ponte entre o contexto fonoaudiológico e educacional.

Trata-se de um trabalho mais curto, por se tratar de apresentação em forma de pôster e a conclusão é a de que a intervenção fonoaudiológica com familiares (nesse caso, seja em grupo ou a partir de orientações individuais) consiste num espaço de reflexão e compreensão acerca das dificuldades apresentadas pelas crianças. É um espaço para que os familiares possam se expressar, compartilhar angústias acerca do cuidado da criança e do adolescente, assim como da própria dinâmica familiar.

14. Título do trabalho: *Atuação fonoaudiológica em grupo de adolescentes e ou adultos com alterações de linguagem*

Autoras: Amanda Maura Borin, Rita de Cássia Montilha

Descritores: reabilitação dos transtornos da fala e da linguagem, adolescente, saúde de grupos específicos.

Sobre o trabalho:

O objetivo é analisar a abordagem grupal fonoaudiológica com adolescentes e/ou adultos com alteração da linguagem. Aqui, trata-se de sujeitos gagos, mais especificamente seis, além de quatro adolescentes e dois adultos que estavam em acompanhamento fonoaudiológico grupal, no centro de estudos e pesquisas em reabilitação da Unicamp. A coleta de dados baseou-se em três etapas: no estudo dos prontuários dos sujeitos, na observação e registros em áudio e vídeo dos encontros grupais dos pacientes com alteração de linguagem (entre agosto e dezembro de 2012) e no registro das observações por meio de um diário de campo.

As autoras concluem que existe relação clínica entre a escolha da atividade a ser realizada pelo grupo e a mediação do profissional bem como a interação entre os participantes do grupo, sendo que as mudanças ocorrem de acordo com os acontecimentos à medida que eles

evoluem. Estudos ainda mostram que grupos de pacientes com gagueira são eficazes ao melhorarem a fluência e a continuidade de fala dos sujeitos. Mesmo assim, os temas abordados no trabalho são pouco discutidos na literatura e, em decorrência disso, as autoras afirmam ser importante a realização de novos estudos na área.

Justifico não ter mencionado na íntegra os dois outros trabalhos, um deles por não se tratar propriamente de grupo terapêutico fonoaudiológico e o outro por já ter sido previamente descrito. Complemento, que os trabalhos em que apresento somente seus títulos fazendo um breve descrição, não entram na contagem efetiva da pesquisa, pois não enquadrarem-se nos critérios essenciais do trabalho e portanto não estão numerados. Entretanto, optei por incluí-los a fim de mostrar de fato ao leitor o que argumento ao longo do texto; ao referir que a palavra ‘grupo’ é designada na localização da várias pesquisas não necessariamente constituídas em grupo dado seu contexto metodológico.

A seguir exemplifico a partir de um quadro, a seleção dos 14 trabalhos aqui apresentados, com intuito de objetivar e demonstrar os principais achados. Ao longo da pesquisa eles estão destacados conforme a ordem com que foram localizados.

No quadro, os especificarei por ordem cronológica, acrescidos de seus títulos e dos programas e universidades aos quais estão inseridos.

Os primeiros 6 trabalhos referem-se às dissertações e teses, em seguida os 6 artigos científicos e por último (na sequência) os 2 trabalhos de iniciação científica

5.5 QUADRO GERAL DOS TRABALHOS SELECIONADOS

TÍTULO DO TRAB.	TE SE	DISSERTAÇÃO	ARTIGO	PIBIC	ANEXO	CURSO-INSTITUIÇÃO.
Atendimento em grupo na fonoaudiologia: feitos e (d) efeitos		X			2010	Programa de estudos pós-graduação em Fonoaudiologia Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

						(PUC- SP)
O role-playing game como proposta pedagógica de co-construção de história no contexto da surdez	X				2011	Programa de Pós-Graduação em Letras Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ)
Programa de acompanhamento a pais na intervenção fonoaudiológica em linguagem infantil		X			2012	Pós-graduação da faculdade de odontologia de Bauru - Mestre em ciências no programa de fonoaudiologia. (FOB- USP)
Avaliação de linguagem infantil em situação naturalística e contexto grupal		X			2012	Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP- Campinas)
Grupalidade e família na clínica fonoaudiológica: deixando emergir a subjetividade			X		2005	Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)
Interações dialógicas de familiares de sujeitos com deficiência mental: algumas reflexões			X		2005	Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)

O acolhimento da gestualidade na terapia de linguagem: reflexões no âmbito da clínica fonoaudiológica			X		2005	UNICAMP (Campinas)
O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais			X		2006	UNESP (Marília)
A constituição de processos dialógicos em um grupo de jovens com deficiência mental			X		2006	Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)
A construção da identidade de sujeitos deficientes no grupo terapêutico fonoaudiológico			X		2008	Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP)
Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura			X		2012	Universidade Estadual do Centro-oeste do Paraná - UNICENTRO
Processos			X		2	UNICAMP

grupais com familiares: percepção de graduandos de fonoaudiologia					0 1 5	(Campinas)
Intervenção fonoaudiológica com familiares de crianças e adolescentes com alterações de linguagem				X	2 0 1 3	Trabalho de iniciação científica (PiBIC) realizado pela faculdade de ciências médicas- Universidade estadual de campinas (UNICAMP)
Atuação fonoaudiológica em grupo de adolescentes e ou adultos com alterações de linguagem				X	2 0 1 3	Trabalho de iniciação científica (PiBIC) realizado pela faculdade de ciências médicas- Universidade estadual de campinas (UNICAMP)

Para chegar nestes resultados, foram primeiramente, localizados e lidos na íntegra, trinta e um trabalhos. Nessa tabela, estão os quatorze trabalhos selecionados para comporem a pesquisa efetivamente. Dezessete deles estavam fora dos critérios, portanto foram desconsiderados.

Tendo ilustrado esse quadro, gostaria de relatar a respeito da minha **experiência com os bancos de dados nacionais**.

Conforme já pontuei em alguns momentos no decorrer da escrita, o sistema não é fiel aos descritores que o pesquisador seleciona a fim de localizar, encontrar e escolher os trabalhos que irá debruçar sobre.

Os bancos de dados virtuais são uma excelente fonte de pesquisa, quando o acadêmico possui em antecipadamente em mãos qual ou quais trabalhos quer buscar. Mas, para o tipo de pesquisa referido aqui, muito se precisou articular para encontrar os trabalhos. Foi de fato uma árdua busca, incluindo inúmeros e-mails enviados aos autores dos trabalhos (necessitava deles na íntegra e nem sempre eles estão disponíveis), além de uma leitura bastante atenta, para triar e identificar quais os trabalhos de fato tratavam de questões de grupo terapêutico fonoaudiológico preocupados com as alterações de linguagem.

Apesar dos desafios, acredito ter selecionado e organizado um bom número de artigos e dissertações (foram a maioria) que, em conjunto com os outros trabalhos (tese e trabalhos de iniciação científica) testemunharam a existência dos grupos, suas constituições e seu envolvimento com a linguagem. Deduzo que existam mais trabalhos a serem pesquisados, encontrados e localizados, além de novos olhares e perspectivas a serem direcionados no que se refere aos grupos terapêuticos fonoaudiológicos.

Acredito que existam e estejam em funcionamento, grupos terapêuticos fonoaudiológicos, cujas bases são empíricas, porém não menos profissionais, mas que somente acabam não sendo publicados. Como também devem haver trabalhos sobre o tema desta pesquisa, cuja localização não fora satisfatória, no sentido de existir mas sem ser possível neste momento a detecção do mesmo.

Por aqui, sem mais delongas, avanço aos resultados e reflexões.

6 RESULTADOS E REFLEXÕES

O capítulo presente organiza a dissertação até aqui e prepara o leitor em direção ao encerramento do trabalho. O objetivo nesta etapa, é proporcionar um panorama geral dos trabalhos encontrados e selecionados além de permitir um momento de reflexão a partir das pesquisas selecionadas.

Estão agrupados em oito artigos científicos, três dissertações de mestrado, dois trabalhos de iniciação científica (PiBIC) e uma tese de doutorado. Dos oito artigos, quatro foram produzidos pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), dois pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), um pela Universidade Estadual de Centro-Oeste do Paraná (UNICENTRO) e um pela Universidade Estadual de São Paulo-Marília (UNESP); datados entre 2005 e 2015.

As dissertações foram defendidas por três distintas universidades. Uma delas pela pós-graduação em Fonoaudiologia (PUC-SP), a outra através da faculdade de Odontologia- Bauru- Mestrado em ciências no programa de Fonoaudiologia (FOB-USP) e a última no Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e reabilitação (UNICAMP); datados entre 2010 e 2012.

Os dois trabalhos de iniciação científica foram apresentados ambos na UNICAMP em 2013. E a tese pelo programa de pós-graduação em Letras pela Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC) em 2011.

Segue abaixo um organograma a fim de ilustrar e complementar o texto escrito:

Unimep 4	Unicamp 2
Unicentro 1	Unesp 1

TOTAL: OITO ARTIGOS CIENTÍFICOS

PROGRAMA
DE PÓS-
GRADUAÇÃO
EM LETRAS

PUC-RJ

1

TOTAL: UMA TESE DE DOUTORADO

PÓS-GRADUAÇÃO EM
FONOAUDIOLOGIA
(PUC-SP)

1

MESTRADO EM
CIÊNCIAS NO
PROGRAMA DE
FONOAUDIOLOGIA

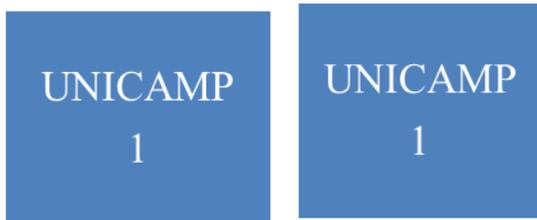
(FOB-USP)

1

MESTRADO EM SAÚDE,
INTERDISCIPLINARIDADE
E REABILITAÇÃO
(UNICAMP)

1

TOTAL: TRÊS DISSERTAÇÕES



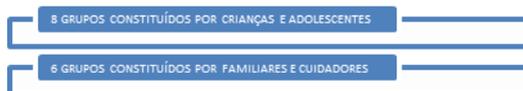
TOTAL: DOIS TRABALHOS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

EM ORDEM CRONOLÓGICA FORAM PUBLICADOS “X”
TRABALHOS NOS RESPECTIVOS ANOS ENTRE 2005 E 2015.





SENDO DIVIDIDOS EM:



A respeito da constituição desses grupos, ou eles foram formados especificamente para realização daquela pesquisa, ou os grupos já existiam e o(s) autor(es) passaram a observá-los, media-los e compô-los para escreverem a respeito. Ou ainda foram selecionados e analisados recortes de gravações referentes às sessões de grupos já anteriormente constituídos. Cabe ressaltar que unanimemente os grupos referem resultar e contribuir positivamente aos participantes, ecoando dessa forma melhoria no convívio familiar, vida escolar bem como com os amigos.

Quanto as teorias mais utilizadas nas análises dos trabalhos, estão a análise do discurso francesa, a partir de referências de Eni Orlandi e Michel Pêcheux e a visão conceitual da concepção sócio-histórica-cultural a partir dos estudos de Vygotsky e Bakhtin. Ressalto que em alguns dos trabalhos fica duvidosa a relação que tecem entre ambos. Em outros, a teoria abordada não é esclarecida ao leitor, ficando sem ilustração quais critérios teóricos foram abordados no trabalho. E ao

referirem a psicanálise enquanto teoria de análise e reflexão, as pesquisas mostram-se ainda mais confusas e incompletas.

A leitura que faço é que por haverem traços semelhantes nas teorias referidas acima, uma mescla de abordagens ocorre ao longo da escrita, ao não reconhecerem as sutis diferenças que existem entre uma teoria e outra, isso quando as teorias não são discrepantes umas às outras. Na pior situação, teorias bastante distintas, são tomadas por equivalentes e articuladas como sendo coerentes e aplicadas nos trabalhos como se fossem sinônimos teóricos. Essa leitura híbrida e não clara das teorias, prejudica o discernimento que as diversas epistemologias deveriam propor, por serem inerentemente marcadas e estarem tangenciadas pelo legado que deixam a nós, leitores e pesquisadores aprendizes dessas diversas obras.

Meu intuito aqui, não é defender uma teoria da outra. Ao contrário disso, ao longo de toda dissertação tenho mostrado os diferentes respaldos teóricos que fundamentam e discernem a respeito dos processos de aquisição da linguagem, a partir da psicolinguística.

O ponto é: uma teoria que defende a interação da linguagem, como sendo resultado direto daquilo que o emissor dirige ao seu ouvinte, sendo aquele que está no lugar de 'eu' (aquele que fala em primeira pessoa) mas que em seguida ocupa o lugar do 'tu' (segunda pessoa), acredita que o interlocutor deve transmitir à pessoa que o ouve, exatamente aquilo que quer dizer. E aquele que ouve na sequência deve devolver uma resposta exata ao que acabou de ouvir de seu interlocutor. Assim, alternadamente e sucessivamente se dá uma diálogo, uma conversação. Portanto esta abordagem, não pode ser confundida com a psicanálise, por exemplo, quando fundamentalmente acredita que o inconsciente e seus lapsos, atos falhos, chistes, sonhos e sintomas, são o que estruturam a linguagem.

Logo a interpretação do que 'eu' disse enquanto interlocutor, pode ser recebida pelo ouvinte de forma e maneira completamente diferente daquilo que 'eu' tinha inicialmente a dizer. Existe o limite do enunciado e da enunciação. Do significado e do significante. Do dito e daquilo que eu queria dizer mas não consegui. Das incompreensões e tropeços constituintes do processo dialógico. Para a psicanálise, o efeito de sentido nem sempre é manifestado entre os interlocutores.

Sendo que o conceito do signo nem sempre está colado no conceito do significado com seu significante. A sequencialidade da associação livre, permite ao falante idas e vindas no seu pensamento, muitas vezes oculto conscientemente porem trago à tona inconscientemente através da palavra dita. E quando o sujeito percebe-

se autor do próprio discurso é porque já permitiu a fluidez e articulação da cadeia metafórica e metonímica.

Na tentativa de sermos falantes da língua e de estarmos imersos na linguagem expressiva, corporal, gestual, entonacional, semiótica, textual, escrita e assim por diante, somos conferidos do estatuto do sujeito que quer ser compreendido pelo outro em todas as suas manifestações linguísticas. As frustrações ocorrem, no momento em que, nem o conjunto de fala, língua e linguagem dão conta do arcabouço linguístico adquirido, transmitido e apreendido pelo sujeito.

No texto bakhtiniano a apologia de vozes se entrelaça e ecoa de um sujeito a outro, como num enodamento consecutivo de palavras, livremente escolhidas e expressas no curso decorrente da cadeia sintática. Semanticamente chegará ao ouvinte, ou seja deste outro que ocupa o lugar na alteridade e que, a partir do conteúdo estilístico que escutou, responde permeado pela sua história singular e baseado nas características culturais que o rodeiam ou que um dia foram habitadas por ele.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre a linguagem:

Independentemente da teoria ao qual o pesquisador está respaldado, ela (teoria) o levará, em minha opinião, a inconclusibilidade do que de fato venha a ser a linguagem. Por mais tentativas que façamos, haverá um dizer a mais ou a menos, um fato a mais ou a menos por ser dito. Os teóricos, todos, têm sua mais alta relevância quando investigam incessantemente sobre a linguagem, a comunicação e a comunicabilidade do ser humano.

Estudar a linguagem humana tem sido uma tarefa árdua e ao mesmo tempo fascinante para os pesquisadores de diferentes segmentos das ciências humanas entre eles filósofos, linguistas, psicólogos e fonoaudiólogos (HAGE, 2001).

Ao escrever a revisão de literatura desse trabalho, em especial tratando-se da psicolinguística, aprendi a olhar para as diferenças teóricas como se fossem direções de setas, disparadas de seus diversos arcos e arcabouços teóricos. Pois, à medida que são disparadas, aquele que se debruça sob o tema as receberá, permeado pela singularidade de seu percurso e perpassado por aquilo que adquiriu ao longo do tempo.

As reflexões acerca dos trabalhos, em sua grande maioria, estão pautadas sob a concepção de que os grupos terapêuticos fonoaudiológicos são, em sua estrutura sociais, constituídos meta e epilinguisticamente. Sua matriz discursiva estabelecida na e pala linguagem.

Como em todas as ciências, é sabido que o trabalho fonoaudiológico parte sempre de uma determinada concepção de linguagem. A partir de diferentes embasamentos modifica-se o modo como cada pesquisador analisa e observa suas hipóteses iniciais de trabalho, fundamenta sua justificativa, delimita seus objetivos e analisa os dados e os resultados coletados de suas pesquisas.

Estas explanações estão presentes na ciência que se dedica a estudar o funcionamento e a estrutura da linguagem (linguística), pois, afinal, é ela que desde os estudos bloomfildeanos detecta, descreve e analisa as línguas/linguagens. Por outro lado, é também a fonoaudiologia que a executa, põe em ato - estabelecendo a ação e correndo os riscos de experimentar com o outro, tomados pela e na cena, cuja personagem principal é a linguagem - questões por vezes muito delicadas ao ser humano.

Metaforicamente, pode-se afirmar que a linguística dá a forma, e a fonoaudiologia executa a função. Uma é a cabeça, outra é o corpo que coloca em movimento, que se lança na arena terapêutica discursiva. Mas a estrutura, ainda que pela via da metáfora, precisa fisicamente do pulmão (paralelo à linguística) e ao ar (paralelo à fonoaudiologia) que sai dele é a linguagem que desemboca no mundo. O consciente e o inconsciente. O consistente e o inconsistente. Pois, como mencionei, a língua quando na boca do falante, perde sua garantia, mas ganha autoria.

Sobre os grupos:

Concluo que são sempre terapêuticos. Os fonoaudiológicos, ao menos. Em especial os que tratam de questões da linguagem. De linguagem. Sejam constituídos por crianças com atraso de linguagem, familiares de crianças deficientes mentais, adultos surdos não oralizados, familiares de surdos fluentes em LIBRAS, etc. Todos eles, absolutamente, terão êxitos e conflitos, facilidades e dificuldades, histórias em comum e estórias completamente diferentes umas das outras.

Dessa forma, a cumplicidade é gerada através dos atos linguísticos interpelados por cada participante, de cada grupo aos quais marcam presença. Apesar de cada desafio que a fala, a língua e a linguagem os confronta, eles estão ali, semana após semana, sessão após sessão, lançados na esfera languageira, ancorados uns nos dizeres do outro, (re)significados pela história do outro e, finalmente, esperançosos por ocuparem seus postos enquanto sujeitos falantes e, caso não seja possível, que ao menos sintam-se parte, literalmente, de um grupo.

O que cabe ser acentuado é o fato de que os grupos terapêuticos fonoaudiológicos existem e, mesmo timidamente, são crescentes, circulando e atuando clinicamente. E, sim, existem publicações a respeito deles. O que prejudica a sua localização é a configuração de buscas a partir da qual o sistema de bancos de dados online está estabelecido. Por esse mesmo motivo, suponho a existência de outros trabalhos a respeito do tema que não foram encontrados através da busca realizada na presente dissertação.

Lanço uma nova pergunta a partir daí: quem sabe, futuros trabalhos possam desdobrar essa demanda? De qualquer maneira é fato que uma foto do cenário atual foi capturada, registrada, armazenada, descrita e analisada. A organização e o recorte desses trabalhos ilustram que, apesar da existência desses grupos, pouco ainda o são em números e em publicações, ou seja, muito tem que ser aprendido e empreendido

quando se trata da formação e constituição de grupos terapêuticos fonoaudiológicos. Aonde eles de fato estão? Como funcionam? Do que tratam?

Considero que circule por entre os terapeutas, ainda um certo preconceito, no conceito empírico, do que seja e qual função exerça um grupo - terapêutico - fonoaudiológico. De trinta e uma pré-seleções triadas e lidas, quatorze foram de fato contabilizadas.

As conclusões dos trabalhos são de caráter unânime, ao referirem que os grupos são considerados benéficos tanto aos que participam dele, quanto aos que estão em volta deles, sejam as próprias crianças, os cuidadores, os professores da escola ou, ainda, os pais e familiares. Esse tema me captura por tantos lugares. Pelo lugar de fonoaudióloga, psicanalista, mestre em linguística; mas, acima de tudo, pela falta que abre espaço ao desejo, que faz furo, pois, mesmo ao ocupar o lugar de terapeuta da linguagem, digamos assim, sou faltante e faltosa por e em todos eles.

Enquanto pesquisadora, pude aprender os passos iniciais que permeiam o ato de fazer pesquisa científica. Hoje, considero salutar a qualquer estudioso o fato de saber utilizar e fazer das ferramentas ao nosso dispor, uma maneira de realmente contribuir ao meio científico. O que antes entendia como quadrado delimitado, agora percebo como técnicas metodológicas necessárias para se fazer pesquisa.

O próximo desafio, a partir da estruturação do trabalho, ou seja, o seu *'frame'* estando organizado e escrito, é saber o que fazer com os dados coletados. Como manipulá-los com o rigor teórico? A partir de qual lugar o pesquisador se coloca? Existe neutralidade? De que forma fará as reflexões e interpretações necessárias e acima de tudo, como irá articular seus objetivos iniciais, com a pergunta de pesquisa e suas considerações finais?

Sim, tenho algumas respostas para este trabalho. Porém, tantas novas e outras perguntas surgem no decorrer deste fazer único, singular e solitário que é o percurso da pesquisa acadêmica. E assim não fosse, cairíamos da vala do sujeito crente ao suposto saber. É importante saber, porém mais do que o saber é importante reconhecer que nem tudo sabemos e que o conhecimento é adquirido e apreendido aos poucos, à medida que nossa capacidade nos permite o esvaziamento de velhos aprendizados para dar vez ao inédito.

Faz-se necessário findar. Permitam-me o jogo homofônico, fim dar. Dar fim. Contudo, como finalizar essas considerações, se a linguagem é e sempre será infundável e infinita em seus aspectos e sentidos? Como delimitar respostas ao que é inalcançável e inatingível

uma vez que sempre teremos algo a mais por querer dizer, entender e se fazer compreender?

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. G.; COSTA, M. L. G. da; SENA, E. F. C. de; LUZ, L. M. S. Análise da produção de sentidos em narrativas de afásicos participantes de grupo de convivência. **Rev. CEFAC** [online]. 2010, v.12, n. 01, pp.51-56, 2010.

ANDRADE, L. Captação ou Captura- considerações sobre a relação do sujeito à fala. In: DE VITTO, M. F. L. e ARANTES, L. **Aquisição patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2007, p. XX-XX.

ARANTES, L. O fonoaudiólogo, este aprendiz de feiticeiro. In: DE VITTO, M.F.L. (org). **Fonoaudiologia no sentido da linguagem**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 23-37.

ARAÚJO, M. L. B. **Atendimento em grupo na fonoaudiologia: feitos e (d)efeitos**. 2010. 70 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2010.

ARAÚJO, M. L. B; FREIRE, R. M. A. C. Atendimento Fonoaudiológico em Grupo. **Rev. CEFAC**, vol. 13, n.2, p. 362-368, março-abril 2011.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Paris: Gallimard, 1996.

BERBERIAN, A.P; SANTANA, A.P. (org.) **Fonoaudiologia em Contextos Grupais: Referenciais Teóricos e Práticos**. São Paulo: Plexus editora, 2012.

BORGES, L. C. e SALOMÃO, N. M. R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.16, n. 2, p. 327-336, 2003.

BORIN, A. M.; MONTILHA, R. C. I. Atuação fonoaudiológica em grupos de adolescentes e/ou adultos com alterações de linguagem. **XXI Congresso de Iniciação Científica da Unicamp**. Campinas, 2013. (Apresentação de trabalho / Pôster)

CARVALHO, A. M. A. Em busca da natureza do vínculo: uma reflexão psicoetológica sobre grupos familiares e redes sociais: In: PETRINI, J.C.; CAVALCANTI, V.R (orgs.) **Família Sociedade e Subjetividades**: uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2005.

CARVALHO, N. G. de; CHUN, R. Y. S.; MONTILHA, R. C. I. Processos grupais com familiares: percepção de graduandos de fonoaudiologia. **Rev. CEFAC** [online]. 2015, v. 17, n. 04, pp.1079-1089, 2015.

CASTRO, J.S. A pesquisa em psicolinguística. In: AGUIAR, V.T.; PEREIRA, V.W. (org.) **Pesquisa em Letras**. Porto Alegre: editora da PUCRS, 2007.

CASTRO, M. F. P. Sobre o (im) possível esquecimento da língua materna. In: De VITTO, M.F. L.; ARANTES, L. (org.) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, 2007.

CIZESCKI, F. No limiar entre sintaxe e semântica: indagações sobre a construção e a in (definição) da noção de gramaticalidade em Chomsky. **Tese de doutorado**, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2013.

COUDRY, M.I.H. **O diário de Narciso: discurso e afasia**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

COUDRY, M.I.H.; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. **Cadernos de estudos linguísticos**, n.5, p. 99-109, 1983.

DESSEN, M. A.; SILVA, N. L. P. A família e os programas de intervenção: tendências atuais. In: MENDES, E. G.; ALMEIDA, M. A.; WILLIAMS, L. C. A. (Orgs.). **Temas em educação especial: avanços recentes**. São Carlos: EdUFSCAR, 2004.

FERNANDES, F. D. Fonoaudiologia e autismo: resultado de três diferentes modelos de terapia de linguagem. **Pró-Fono R. Atual. Cient**, Dez 2008, v. 20, n. 04, p. 267-272, 2008.

FERNANDES, D. F. **Processos interativos em grupo: sujeitos afásicos no grupo terapêutico fonoaudiológico**. 12 de março de 2007. 76 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná. 2007.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas 'estado da arte'. **Educação e Sociedade**, ano XXIII, n.79, p. 257-272, ago. 2002.

FINGER, I. A abordagem conexionista de aquisição da linguagem. In: QUADROS, R.M; FINGER, I. (org). **Teorias de aquisição da linguagem**. 2ª ed. Florianópolis: EdUFSC, 2013, pp. 127-144.

FINGER, I. A aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista. In: QUADROS, R.M; FINGER, I. (org). **Teorias de aquisição da linguagem**. 2ª ed. Florianópolis: EdUFSC, 2013, p. 17-40.

FREIRE, R.M. **A linguagem como processo terapêutico - sócio-constructivismo - interações eficazes**. São Paulo: Plexus Editora, 1995.

FREITAS, A. P.; CASTRO, G. S. A constituição de processos dialógicos em um grupo de jovens com deficiência mental. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. v. 12, n. 01, pp.49-64, 2006.

FREITAS, G. C. M. Pesquisas em Aquisição da linguagem. In: AGUIAR, V. T.; PEREIRA, V.W. (org). **Pesquisa em Letras**. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007.

GERTEL, M.C.R. Família e escola: interfaces do atendimento fonoaudiológico de crianças com transtorno de linguagem. In: I Congresso Internacional de dificuldades de ensino e aprendizagem. São Paulo: ANDEA, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Altas, 2002.

GONÇALVES, B. R. L. **Programa de acompanhamento a pais na intervenção fonoaudiológica em linguagem infantil**. 2012. 183 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Odontologia de Bauri, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2012.

GRANFAR, B.M; SANTANA, A.P. Plano terapêutico de familiares de crianças com alterações de linguagem. In: **Planos terapêuticos fonoaudiológicos (PTF's)**, vol.2, Pró-Fono (org). São Paulo, 2015.

GUARINELLO, A. C; LACERDA, C. B. F. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In: MASSI, G.; SANTANA, A. P. **Abordagens grupais em fonoaudiologia**. São Paulo: Plexus, 2007, p. 105-120.

HAGE, S. **Avaliando a linguagem na ausência da oralidade**. São Paulo: Hucitec, 2001.

HARLEY, T.A. **The psychology of language**. From data to theory. 4^a ed. Psychology Press: London and New York, 2014.

HARLEY, T.A. **The PSYCHOLOGY of Language**. From data to theory. 4^a ed. Psychology Press: London and New York, 2014.

IDERIHA, P. N.; LIMONGI, S. C. O. Avaliação eletromiográfica da sucção em bebês com síndrome de Down. **Rev. soc. bras. fonoaudiologia**, v.12, n. 03, p. 174-183, 2007.

JERUSALINSKY, A (et.al). Desenvolvimento: lugar e tempo do organismo x lugar e tempo do sujeito. In: **Psicanálise e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

LACERDA, Cristina B. F. de; LODI, Ana Claudia Balieiro . O desenvolvimento do narrar em crianças surdas: o contexto de grupo e a importância da língua de sinais. **Temas sobre Desenvolvimento**, São Paulo, v. 15, n.85-86, p. 45-53, 2006.

LAMPRECHT, R. R. Memórias do passado, repercussões no presente: vinte anos de pesquisa em Aquisição da Linguagem na PUCRS. **Letras de Hoje**. n. 132, v. 38, p. 11-16, jun. 2003.

LAMPRECHT, R. R. **Aquisição fonológica do português - perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LEITE, G. A.; MONTEIRO, M. I. B. A construção da identidade de sujeitos deficientes no grupo terapêutico-fonoaudiológico. **Rev. bras.**

educ. espec. [online]. v. 14, n. 02, p. 189-200, 2008.

LEMOS, C. T. G. Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos. In: De VITTO, M. F. L.; ARANTES, L. (org.) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, 2007.

LEMOS, M. T. G. O sujeito imprevisto. In: De VITTO, M. F. L.; ARANTES, L. (org.) **Aquisição, patologias e clínica de linguagem**. São Paulo: EDUC, 2007.

LEMOS, M. T. G. Sobre aquisição da linguagem e seu dilema (pecado) original. **Boletim da Abralín**, n.3, p. 97- 126, 1982.

LEVI, I. P. O efeito patologizante da não adoção de uma perspectiva discursiva (e o inverso é verdadeiro). **Pró-Fono**: revista de atualização científica, v.2, n.2, p. 09-14, 1990.

LIEBMANN, M. **Exercícios de arte para grupos: um manual de temas, jogos e exercícios**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2000.

DE VITTO, M. F. L.; CARVALHO, G. M. O interacionismo: uma teorização sobre a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. (orgs.). **Teorias de aquisição da linguagem**. 2ª ed. Florianópolis: EdUFSC, 2013.

MACHADO, M. L. C. A.; BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In: MASSI, G.; SANTANA, A. P. (org). **Abordagens grupais em fonoaudiologia**: contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007, p. 58-79.

MACHADO, M. L. C. A., BERBERIAN, A. P., SANTANA, A. P. Linguagem escrita e subjetividade: implicações do trabalho grupal. **Rev. CEFAC**, v.11, n. 04, p. 713-719, 2009.

MARCHÃO, A. J. O ensino e a aprendizagem da língua materna na educação de infância: a vivência curricular na creche. **Revista Aprender**, n. 22 v. 1: 31-37, 1999.

MATZENAUER, Carmen Lúcia Barreto. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna

Christina (orgs.) **Introdução à linguística - domínios e fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2003.

MENDES, V.L.F. Grupos, instituições e processos grupais. In: TOMÉ, M. C. (org.) **Dialogando com o Coletivo: Dimensões da Saúde em Fonoaudiologia**. São Paulo: Santos editora, 2009.

MIOTO, C. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

MITTLER, P. **Os pais como participantes na educação de seus filhos deficientes**. Trabalho preparado para a reunião de especialistas em Educação Especial organizada pela UNESCO. (Trad. Maria Amélia X. Vampré). Paris, 1979.

MOLETA, F. **Grupo de cuidadores: um lugar de escuta para familiares de afásicos**. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação) – Faculdade de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná. 2011.

MONTEIRO M. I. B.; CAMARGO E. A. A.; FREITAS, A. P.; Bagarollo, M. F. Interações dialógicas de familiares de sujeitos com deficiência mental: algumas reflexões. **Temas Desenvolv.** n. 14 v. 83-84, p. 32-39, 2005-6.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos** vol. 3. São Paulo: Cortez, 2011, p. 311 – 351.

MOREIRA, M.D. **A orientação fonoaudiológica a pais e a capacitação da linguagem de seus filhos**. 2007. 92 f. Dissertação (Mestrado em distúrbios da comunicação humana) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

MOREIRA, R.; CHUN, R. Y. S. Repercussão da intervenção fonoaudiológica com familiares de crianças e adolescentes com alterações de linguagem. **XXI Congresso de Iniciação Científica da UNICAMP**, Campinas, 2013. (Apresentação de Trabalho/Pôster).

MOURA, M. M. A. **Análise do discurso de sujeitos afásicos em um grupo de convivência**. 2011. 69 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife. 2011.

OLIVEIRA, M. V. B. Palavras na ponta-da-língua: uma abordagem neurolinguística. 2015. X f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

PALLADINO, R. Reflexões sobre a investigação de linguagem em crianças pequenas. **Revista Distúrbios da Comunicação**, v.1, n.1, p.1-11, 1986.

PANHOCA, I. O grupo terapêutico fonoaudiológico e sua articulação com a perspectiva histórico cultural. In: LACERDA, C. B. F.; PANHOCA, I. **Tempo de fonoaudiologia III**. Taubaté: Cabral, 2002.

PASSOS, M. C. **Atendimento fonoaudiológico em grupo: princípios estruturantes de uma técnica terapêutica** 2004. 90 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.

PENTEADO, R. Z. Grupo ou agrupamento? Estudo da constituição de um grupo em fonoaudiologia. In: MARCHESAN, I; ZORZI, J. **Tópicos em fonoaudiologia**. São Paulo: Revinter, 2003.

PENTEADO, R. Z.; PANHOCA, I.; SIQUEIRA, D.; ROMANO, F. F.; LOPES, P. Grupalidade e família na clínica fonoaudiológica: deixando emergir a subjetividade. **Distúrbios da Comunicação**. São Paulo, v. 17, n. 02, p. 161-171, 2005.

PORTELA, C. M. **O cuidado ao familiar cuidador de portadores de transtornos de humor na unidade básica de atenção à saúde**. 2006. Dissertação (Mestrado em enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

POSSENTI, S. Teoria do Discurso: Um caso de Múltiplas Rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol III. São Paulo: Cortez, 2004, p. 353-391.

PRODANOV, C. C. FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª edição. Novo Hamburgo: editora da Feevale, 2013.

QUADROS, R. M. O paradigma gerativista e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, R. M.; FINGER, I. (org). **Teorias de aquisição da linguagem**. 2ª ed. Florianópolis: EdUFSC, 2013, p. 41-72.

RAMOS, R. L. O acompanhamento fonoaudiológico em grupo de sujeitos afásicos usuários de comunicação suplementar e/ou alternativa. **XVII Congresso Int. de Iniciação Científica UNICAMP**, Campinas, 2009. (Apresentação de trabalho/ Pôster)

RIBEIRO, V.V.; PANHOCA, I; DASSIE-LEITE A.P; BAGAROLLO, M.F. Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura. **Rev. CEFAC**, v. 14, n. 3, p. 544-552, 2012.

RODRIGUES, E. S. O estudo psicolinguístico da produção da linguagem: uma breve apresentação de métodos empregados na investigação do processamento adulto. **Rev. Linguística**, v.5, n.1, p. 01-25, jun/2009.

ROJO, R. H. R. **Fonoaudiologia e Linguística**. São Paulo: EdPUC, 1985. [Cadernos Distúrbios da Comunicação, série linguagem 2].

SANTANA, A. P., GUARINELLO, A. C., BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. O estatuto simbólico dos gestos no contexto da surdez. **Psicologia em Estudo**, v. 13 n. 2, p. 297-306, 2008.

SANTANA, A. P.; SANTOS, S. M. A. Grupo de familiar-cuidador de indivíduos com demência: práticas interdisciplinares. In: BERBERIAN, A. P; SANTANA, A. P. (org.) **Fonoaudiologia em Contextos Grupais: Referenciais Teóricos e Práticos**. São Paulo: Plexus editora, 2012, p. 83-100.

SANTANA, A.P., DIAS, F., SERRATTO, M.R.F. O afásico e seu cuidador: discussões sobre um grupo de familiares. In: GUARINELLO, A.C (et.al). **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007.

SANTOS, A.P, ARAKI, L. Grupo de apoio ao paciente submetido à cirurgia de cabeça e pescoço. In: GUARINELLO, A.C (et.al). **Abordagens grupais em fonoaudiologia: contextos e aplicações**. São Paulo: Plexus, 2007.

SCLIAR-CABRAL, L. Psicolinguística: uma entrevista com Leonor Scliar Cabral. **Revel**, v. 6, n.11, p. 01-07, ago./2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, L. M. P., AURELIANO, F. T. S.; MOTTA, A. R. Atuação fonoaudiológica na síndrome da apnéia e hipopnéia obstrutiva do sono: relato de caso. **Rev. CEFAC**, v. 09, n. 04, p. 490-496,2007.

SCOPEL, R. R.; SOUZA, V. C.; LEMOS, S. M. A. A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura. **Rev. CEFAC**, v. 14 n. 4, p. 732-741, jul-ago./ 2012.

SCOVEL, T. **Psycholinguistics: Introductions to language study**. London: Oxford, 1998.

SOUZA, A. P. R.; CRESTANI, A. H.; VIEIRA, C. R.; MACHADO, F. C. M.; PEREIRA, L. L. O grupo na Fonoaudiologia: Origens Clínicas e na Saúde Coletiva. **Rev. CEFAC**, v. 13, n. 01, p. 140-151, 2011.

SOUZA, A.P.R.; WIETHAN, F.M.; KLINGER, E.F. O grupo operativo de pais como espera assistida em casos de distúrbios de linguagem oral na infância. In: BERBERIAN, A.P; SANTANA, A.P. (orgs.) **Fonoaudiologia em Contextos Grupais: Referenciais Teóricos e Práticos**. São Paulo: Plexus editora, 2012, p. 61-82.

STAROSKY, P. **O role-playing game como proposta pedagógica de co-construção de histórias no contexto da surdez**. 2011. 207 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

STEFANINI, M. R.; OLIVEIRA, B. V.; MARCELINO, F.C.; MAXIMINO, L.P. Desempenho em consciência fonológica por crianças

com transtorno fonológico: comparação de dois instrumentos. **Rev. CEFAC**, v. 15, n. 05, p. 1227-1235, 2013.

TERÇARIOL, D. O lugar dos pais na Clínica Fonoaudiológica. In: TOMÉ, M. C. (org.) **Dialogando com o Coletivo: Dimensões da Saúde em Fonoaudiologia**. São Paulo: Santos Editora, 2009.

VIEIRA, A. R. D. **Os desenhos animados na área da comunicação: conteúdos e abordagens interdisciplinares presentes nas teses e dissertações defendidas entre 1987 e 2012**. 2014. 181 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2014.

VOSGERDAU, D. S. R; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

ZERBETO, A. B. **Avaliação de linguagem infantil em situação naturalística e contexto grupal**. 2012. 94 f. (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2012.

ZIA, J.; PANHOCA, I.; ZANOLLI, M. L. O acolhimento da gestualidade na terapia de linguagem: reflexões no âmbito da clínica fonoaudiológica. **Distúrbios de Comunicação**. São Paulo, v. 17, n. 03, p. 365-372, dez. 2005.

APÊNDICE A: MODELO DE E-MAIL ENVIADO AOS AUTORES DOS TRABALHOS SELECIONADOS

Título: Pesquisa Acadêmica

“Olá (nome do autor),

Encontrei seu trabalho intitulado (título do trabalho) e lhe escrevo:

Me apresento:

Sou Mitrá Bartar Granfar, Fonoaudióloga e Psicanalista, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Minha dissertação está provisoriamente intitulada:

"Aquisição e Alterações de linguagem em crianças: busca e reflexões sobre a existência de grupos terapêuticos como procedimento fonoaudiológico linguisticamente orientados"

Portanto, sua pesquisa contempla a minha, a partir da busca que fiz no site da CAPES.

E relativos a esse tema, encontrei seu trabalho em forma de título.

Tomo a liberdade em lhe perguntar onde o encontro na íntegra?

Em tempo: se possível, poderias me enviá-lo?

Te agradeço.

Com votos de sucesso,

Mitrá B Granfar”